
Oduvaldo Vianna

Coleção Vianninha Digital

[Versão para impressão]

Volume 4

Quatro
Quadras de Terra

Oduvaldo Vianna Filho

Coleção Vianninha Digital
Volume 4:
Quatro Quadras de Terra
VIANNA FILHO, Oduvaldo, 1936–1974.

Versão para eBook
Carolina Godinho / Diego Molina / Peter Boos

Fonte
Digitalização do acervo particular de Maria Lúcia Vianna.
Diagramação adaptada aos formatos de eBook disponíveis.

Versão para impressão.
© 2007 — Oduvaldo Vianna Filho

Quatro Quadrás de Terra

Oduvaldo Vianna Filho

PERSONAGENS

AFONSOZINHO
ARISTIDES
CAMISA VERDE
CAMPONESES
CAPITÃO
CHIQUINHO
CORONEL SALES
DEMÉTRIO
FARFINO
FAZENDEIROS
HELIO DA PRETA
ISALTINO
JERONIMO
MARIVALDA

MÉ
MIGUEL ENCARREGADO
MULHER DE ARISTIDES
MULHER DE RAUL MOITA
O FILHO
PREFEITO
RANIERI
RAUL MOITA
SECRETÁRIO DE JUSTIÇA
S'EUDÓXIO
SEU DUDA
SOLDADOS
XAVIER

PRIMEIRO ATO

CENA 1

Roçado da casa de Jerônimo. Casa com um único compartimento com fogão de tijolo, santos, mesa, estrados no chão. Uma cama de ferro, um armário. No pátio, uma casa de farinha, um cercado quase desfeito. Em torno da casa de farinha um grupo reza. Predominam mulheres. Uma imagem de Nossa Senhora, velas fazem da casa de farinha um altar improvisado. No grupo: Xavier (mulher de Jerônimo), Farfino (pai de Jerônimo), Ranieri (filho de Jerônimo, oito anos), Marivalda (idosa, mulher de Isaltino), seu Afonsozinho, seu Aristides e a mulher. Num canto, abraçados, com medo, Raul Motta e a mulher. Mais na frente, espalhados, em grupos; S'Eudóxio, seu Isaltino, Hélio da Preta, o filho de Afonsozinho, seu Duda, Camisa Verde e mais camponeses. Estão de pé, sentados, de cócoras. Em silêncio. Na frente, seu Mé e Jerônimo. Todos esperam. Só a reza, quase imperceptível quebra o silêncio.

- VOZES - *(Dos que rezam)* Padre Nosso que estais no céu, santificado seja o Vosso Nome, venha a nós o Vosso Reino... *(Continuam)*
- FARFINO - *(Simultâneo. Um pouco mais audível)* Ora pro nobis...
- RANIERI - *(Acompanha o avô)* Ora pro nobis...
- FARFINO - *(Meio cantochão)* Regina Patriarcarum, Regina Profetorum...
- RANIERI - Regina Patriarcarum, Regina Profetorum...
- DUDA - Essa reza me dá nos nervos, irra.
- FARFINO - Mater Tragissima, Mater Purissima...
- RANIERI - Mater Tragissima, Mater Purissima...
- MÉ - O que será que Miguel Encarregado vai dizer, Jerônimo?
- JERÔNIMO - Não sei, Mé. Aquilo é um cachorro.
- RAUL - Tenho medo, mulher.
- MULHER - Se abrace comigo.
- FARFINO - Mater Criatorum, Mater Salvatorum... *(Ranieri repete)*
- S'EUDÓXIO - Quanto tempo a gente já está aqui, seu Isaltino?
- ISALTINO - Já vai uma hora... *(A reza segue. Um tempo. Chiquinho pequeno entra correndo. A reza pára. Todos vêm para ele)*
- CHIQUINHO - Miguel Encarregado vem aí: Miguel Encarregado vem aí! Miguel...
- VOZES - Miguel Encarregado vem aí! — Meu Deus do céu! — O que foi, seu Chiquinho?
- JERÔNIMO - Silêncio, povo, quero ouvir, silêncio!
- MÉ - Calma, povo... *(Vai se fazendo silêncio)*
- JERÔNIMO - Deixe o homem falar, seu! Pra que essa zoeira? Fale bem

calmo, seu Chiquinho Pequeno: o que foi que lhe disse Miguel Encarregado?

- CHIQUINHO - Seu filho Demétrio foi lá e ele ofendeu seu filho e mandou dizer que é pra sair hoje sim e que ele já avisou e que não tem nada pra conversar não e que é pra sair hoje sim e já quer chegar e encontrar a mudança pronta na porta que é pra sair hoje sim. *(A confusão se estabelece. A maioria dos camponeses quer sair. Duda, Hélio da Preta, o filho de Afonsozinho, Camisa Verde e mais alguns querem ficar. Marivalda também)*
- VOZES - Vamos embora, mulher! — Deus do céu! Quer encontrar a mudança pronta! — Não pode ir embora, não! — Tem de ficar aí. *(A mulher de seu Aristides cai de joelho)*
- MARIVALDA - Fique de pé, mulher, fique de pé!
- DUDA - É povo poltrão, é, povo poltrão...
- JERÔNIMO - *(Bate palmas)* Ouve, povo, ouve, parece galinha! Me ouve!
- MÉ - *(Bate palmas)* Ouve Jerônimo, gente, ouve... ouve... *(Silêncio vai se fazendo)*
- FARFINO - Mater Tragissima, Mater purissi...
- JERÔNIMO - Fique quieto, pai. *(Silêncio)* Que correria é essa que parece galinha? Miguel Encarregado é cachorro e não pode mandar ninguém embora que não tem ordem do doutor juiz! A gente deve de dizer que não vai sair não senhor e que se quer falar com o Coronel Salles. Só trata com o Coronel Salles.
- S'EUDÓXIO - Veio pouca gente, não vou enfrentar Miguel Encarregado, não.
- DUDA - Vosmicê é poltrão, não ponha a culpa nos outros...
- S'EUDÓXIO - Vosmicê dobre a língua.
- DUDA - Se dobrar a língua, lhe xingo mais...
- JERÔNIMO - Na minha casa ninguém briga, que é minha casa! *(Silêncio)* Miguel Encarregado quer assustar o povo, pra gente aceitar qualquer miséria pela colheita e ir embora! Ele que venha! Quem tem medo, trinque os dentes! *(Silêncio)*
- VOZES - *(Baixo)* É. — Melhor ficar junto — Isso é, sim. — Fique junto.
- CHIQUINHO - Que Deus proteja o povo, os anjos, os arcanjos, os benjamim, Santo Inácio, Santa Úrsula, São Gabriel e sua trombeta divina, amém.
- VOZES - Amém. Amém. *(O povo se dispersa. Demétrio entra, zangado, vai para dentro de casa. Xavier, Ranieri, Farfino vão para lá. Demétrio pega uma velha espingarda. Arma. Alguns, de fora, se aproximam para olhar)*
- XAVIER - Que é que você vai fazer, menino? É, Demétrio... *(Jerônimo chega)*
- DEMÉTRIO - Vou dar um tiro na boca desse Miguel Encarregado!
- FARFINO - Na boca, Nossa Senhora!

- XAVIER - É, Demétrio... *(Demétrio vai sair. Jerônimo, parado na porta)*
- JERÔNIMO - Me dê a espingarda...
- DEMÉTRIO - Miguel Encarregado me ofendeu muito grave, pai...
- JERÔNIMO - É isso que Miguel quer, quer briga pra trazer polícia.
- DEMÉTRIO - Me disse que sou filho de cadela...
- JERÔNIMO - Me dê.
- DEMÉTRIO - É caso meu, pai, é caso que... *(Jerônimo tira a espingarda de Demétrio. Pausa. Demétrio amansa. Sai lento para o pátio. Fica parado lá)*
- FARFINO - Vem rezar, Ranieri...
- RANIERI - Ah, avô...
- JERÔNIMO - Vai, menino. Ouça seu avô... Faça as vontades dele que ele é velho pra morrer... *(Farfino sai com Ranieri. Não rezar. Jerônimo pega uma garrafa de licor, uma lata de marmelada. Xavier pega copos e canecas. Jerônimo vem para o pátio com Xavier. Ninguém mais reza com exceção de Farfino e Ranieri. Estão parados, tensos. Jerônimo pára na porta. Raul Motta está indo embora)*
- MARIVALDA - Vai embora, seu Raul Motta?
- MULHER - Ele tem medo de Miguel Encarregado... Só de pensar em enfrentar ele já lhe vem ânsia de vômito... Ele é cachorro, cachorro, cachorro... *(Vão saindo. Raul chora)* Bom-dia... Bom-dia... Bom-dia...
- JERÔNIMO - *(Começa a servir licor)* Tome um licor de jenipapo, seu Isaltino. *(Põe nos copos dos outros. Agradecem)* Se anime, seu Afonsozinho... *(Vai até Eudóxio. Xavier dando os copos)*
- S'EUDÓXIO - *(Baixo)* Vamos resolver nosso caso separado, seu Jerônimo... A gente... *(Pára de falar. Jerônimo não gostou)* Eu estava só pensando... *(Jerônimo vai até Duda)*
- JERÔNIMO - A erva lhe melhorou da caganeira?
- DUDA - Melhorou. Agradecido. *(Jerônimo vai até Chiquinho)*
- JERÔNIMO - *(A Chiquinho)* Vá-se embora, compadre. Vosmicê é empregado de Miguel.
- CHIQUINHO - E tenho medo dele, compadre? Eu? *(Jerônimo vai até Demétrio. Xavier acompanha sempre)*
- JERÔNIMO - Quer um licor?
- DEMÉTRIO - Não, senhor.
- JERÔNIMO - Tome. *(Demétrio pega)* Está bom?
- DEMÉTRIO - Está, sim senhor.
- JERÔNIMO - Vem cantar comigo pra espantar o medo... Vem... *(A lata de marmelada é um instrumento musical. Uma mola atravessada no seu interior, quando raspado com um ferro produz música. Demétrio vai atrás do pai. Sentam-se. Canta)*
Na hora da dificuldade

Homem treme, homem chora
Na hora da felicidade
homem pisa, joga fora. (*Silêncio. Ninguém diz nada*) Cante,
Demétrio.

- DEMÉTRIO - Sim, senhor... (*Canta*)
Felicidade se joga fora
É artigo pouco encontrado
Homem assusta, vai embora
Não está acostumado
- JERÔNIMO - Isso, filho. Esse menino canta melhor que o Dimas, sim, senhor,
ele... (*Interrompe, Miguel entrou. Revólver na cinta; todos percebem. Todos
se levantam. Farfino pára de rezar. Ranieri se abraça nas pernas do pai.
Silêncio*)
- MIGUEL - (*Tempo. A Chiquinho*) Não lhe mandei na vila ver o casco da
mula?
- CHIQUINHO - Mandou, sim senhor... (*Chiquinho sai rápido*)
- MIGUEL - Que história é essa de me mandar chamar pra conversar?
(*Silêncio*) Pode cada um pegando sua cuia, a panela, o santo...
(*Silêncio. Põe a mão na cintura*) Vão sair no escuro ou vão pagar
pra ver? (*Tempo. Seu Afonsozinho sai. Tempo. Isaltino puxa Marivalda.
Seu Afonsozinho leva o filho que não queria sair*)
- ISALTINO - Vem... (*Marivalda fica. Isaltino sai*)
- MIGUEL - Não gosto de reunião, não, Jerônimo. (*Ninguém se mexe*) Estou
dizendo uma última vez: vamos sair! (*A mulher de Aristides meio
que desmaia. Fica no chão*) Se não sair agora, depois é pior. Sozinho
é pior. (*Silêncio*)
- JERÔNIMO - Me dê licença, seu Miguel, vosmicê...
- MIGUEL - Não quero pabulagem, não.
- JERÔNIMO - Vosmicê tem ordem do doutor juiz, seu Miguel...?
- MIGUEL - (*Tempo*) Estou falando que tem de ir embora e não tem juiz que
autoridade aqui sou eu!
- JERÔNIMO - Mas, seu Miguel, precisa de ordem do doutor juiz...
- MIGUEL - (*Um tempo. Tira um papel do bolso. Põe na mão de Jerônimo*) Agora,
sai.
- JERÔNIMO - Me dê licença, seu Miguel. (*Entrega a Demétrio*)
- DEMÉTRIO - (*Lê*) Requeremos a presença do senhor Miguel das Dores, no
Juizado de Tinguá, para depor sobre o furto do leitão pertencente
ao... (*Miguel arranca o papel das mãos de Demétrio*)
- MIGUEL - Você não me enfrente, Jerônimo!
- JERÔNIMO - Seu Miguel, nem diga...
- MIGUEL - Não adianta juntar o povo, não adianta falar com o Prefeito:
Vocês vão pra estrada que não tenho mais paciência de ouvir
grito de Coronel que isso não dá dinheiro. Você não me

enfrente, Jerônimo. Comigo você engole bosta, Jerônimo! Você não é homem pra enfrentar Miguel Encarregado... (*Demétrio pula em Miguel*)

- JERÔNIMO - Demétrio. (*Miguel pega Demétrio. Bate na cara dele. Demétrio avança. Jerônimo o segura*) Não é briga nossa, não, senhor..
- MIGUEL - Me peça desculpa, menino... Me peça desculpa... (*Segura o braço de Demétrio. Torce*) Me peça desculpa, menino... (*Tempo*)
- DEMÉTRIO - Desculpa... (*Miguel solta Demétrio. Silêncio*)
- JERÔNIMO - Vosmicê me desculpe o acontecido... A gente quer falar com o Coronel Sanes, seu Miguel. (*Miguel olha. Tempo. Sai. Mé, Hélio e Duda atendem Demétrio. Xavier também. Ranieri abraçado na perna do pai. Farfino vai para um canto. Marivalda atende a mulher desmaiada. Deixam Demétrio na porta de casa. Todos saem*)
- VOZES - Bom-dia, seu Jerônimo... Bom...
- MÉ - Isso é coisa do Coronel, ô, Jerônimo. Vamos ver umas providências, homem.
- JERÔNIMO - Vamos esperar, Mé. Esperar o Coronel. (*Mé sai. Jerônimo vai até Demétrio. Levanta-o. Tira a cinta. Bate nele*)
- DEMÉTRIO - Não, pai, por favor... (*Cobre-se com a mão*)
- JERÔNIMO - Baixe essa mão... (*Demétrio baixa*) Não disse pra não armar querela com Miguel Encarregado? Não lhe disse?
- DEMÉTRIO - Ele lhe destratou, pai...
- JERÔNIMO - (*Pára de bater*) Caso meu, resolvo eu, menino. Caso meu é meu! Se quer resolver sozinho, arranje seu sustento e seu destino.
- DEMÉTRIO - (*Tempo*) Sim, senhor. (*Tempo. Xavier, Ranieri e Demétrio vão lentos para a casa de farinha. Começam a rodá-la. Farfino se aproxima de Jerônimo*)
- FARFINO - A gente vai embora, filho?
- JERÔNIMO - A gente não há de sair, pai.
- FARFINO - E hoje de noite? Será que Miguel Encarregado vem assustar de novo? Atirar pedra?
- JERÔNIMO - Tem de ficar acordado, sim senhor.
- FARFINO - Coronel vai vir?
- JERÔNIMO - Coronel esquece muito da gente.
- FARFINO - Filho...
- JERÔNIMO - Senhor?
- FARFINO - De tanto medo, urinei na calça...
- JERÔNIMO - (*Vem para dentro com o pai*) Vamos trocar ela, pai. Venha trocar a calça... (*Entram. Xavier, Ranieri e Demétrio lentos, rodam a casa de farinha. Tempo. Luz*)

CENA 2

Ranieri e Farfino, na porta da casa, rezam. Xavier, sentada numa banquetta, à porta, conta dinheiro guardado numa caixa. Demétrio num canto.

- XAVIER - 47 contos e cem, 47 contos e cento e vinte mil réis, 47 contos e...
- FARFINO - Regina Patriarcarum, Regina Confessorum...
- RANIERI - Regina Patriarcarum, Regina Confessorum...
- XAVIER - 47 contos e cento e sessenta mil réis...
- FARFINO - Regina Profetorum, Regina Consolatorum...
- RANIERI - Ah, avô, hoje é domingo, é dia de descanso...
- FARFINO - Ora pro nobis, Mater Tragissima...
- RANIERI - Ora pro nobis, Mater Tragissima...
- XAVIER - 47 contos e trezentos e dez mil réis, 47 contos e trezentos e vinte mil réis. A gente tem 47 contos e trezentos e vinte mil réis... É, Demétrio...
- RANIERI - Dá pra comprar terra?
- XAVIER - Sei não.
- RANIERI - E a gente não vai ter terra?
- XAVIER - Vai, sim senhor. Vai comprar essa daqui. Coronel prometeu pro pai...
- RANIERI - A gente vai ter terra, Demétrio.
- DEMÉTRIO - Que adianta essa terra seca? *(Silêncio. Xavier se aproxima de Demétrio)*
- XAVIER - É, Demétrio... peça perdão ao seu pai.
- DEMÉTRIO - Faço isso, não.
- XAVIER - Cachorro.
- DEMÉTRIO - Miguel Encarregado ninguém enfrenta aqui! Faz o que quer! Põe pra fora, desconta a mais no armazém... ninguém enfrenta...
- XAVIER - É, Demétrio...
- DEMÉTRIO - Não aperreie, não. *(Silêncio)*
- XAVIER - Cachorro... seu pai passou trinta anos de enxada na mão... Isso aqui era um mato... A gente deixava um santinho no seu peito e ia pra lavoura...
- FARFINO - *(Tempo)* Ora pro nobis, Mater Tragissima...
- RANIERI - Nosso Senhor não fica aperreado de tanta reza, avô? *(Jerônimo entra. Roupa mais endomingada. Xavier parada)*
- JERÔNIMO - Bom domingo.
- VOZES - Bom domingo.
- JERÔNIMO - À bênção, pai.

- FARFINO - Deus te abençoe, filho.
- XAVIER - Foi boa a feira?
- JERÔNIMO - *(Vai sentar na porta)* Não. Muita gente vendendo por qualquer preço... dizendo que vai embora da terra... *(Silêncio... Ninguém diz nada. Demétrio no canto. Tempo. Passam Raul Motta e a mulher)*
- RAUL - Bom-dia, seu Jerônimo. A gente veio dizer adeus...
- JERÔNIMO - Vosmicê resolveu mesmo ir, seu Raul? *(Vai até ele. A família idem)*
- RAUL - É, seu Jerônimo, acertei minhas contas...
- JERÔNIMO - Ah, seu Raul. Coronel Sanes chegou hoje. Miguel parou a atazanação. A gente não é bagaço de jaca. Coronel está muito enganado. Vou falar com ele.
- MULHER - Ele tem medo, coitado. Miguel Encarregado fica passando, diz um palavrão, pronto... Fica que nem consegue abrir a boca... vomita...
- JERÔNIMO - Precisa enfrentar. A gente não é bagaço de jaca.
- MULHER - Vosmicê tem colheita maior. A gente tem colheita pequena. Miguel nem queria comprar. A gente não vale muito... Ele aceitou 18 mil réis pelo algodão...
- JERÔNIMO - Ah, que muito pouco, seu Raul...
- MULHER - Ele é cachorro, cachorro, cachorro... lhe agradeço muito o pacote de farinha... Agradeça seu Jerônimo, Raul Motta... *(Raul chora. Não consegue falar)* Ó, Raul Motta... Ele está assim que não tem pra onde a gente ir... *(Pára. Emocionada. Saem)*
- VOZES - Deus lhe guie! Siga com Deus. *(Saem. Xavier vai para dentro. Começa a preparar a mesa. A família entra. Demétrio fica do lado de fora. Sentam. Xavier vai pondo comida na mesa)*
- FARFINO - Agradeço Nosso Senhor. O pão nosso de cada dia.
- VOZES - Amém. *(Começam a comer. Demétrio pára na porta)*
- FARFINO - Charque ruim.
- XAVIER - Custou 37 mil réis.
- FARFINO - Charque bom foi em 1953, quando o algodão deu 72 mil réis. Se lembra, Jerônimo?
- JERÔNIMO - Lembro, sim senhor.
- FARFINO - Veio até circo na cidade.
- RANIERI - Veio circo?
- FARFINO - Veio. Não veio circo, Jerônimo?
- JERÔNIMO - Veio, sim senhor.
- FARFINO - Veio circo. *(Comem)* Tinha um palhaço com um sapato assim.
- RANIERI - Um sapato assim?
- FARFINO - É.

- RANIERI - Um sapato assim, pai?
- JERÔNIMO - É. *(Silêncio)*
- DEMÉTRIO - Pai...
- JERÔNIMO - Que é?
- DEMÉTRIO - Eu... eu fiquei assim... fico zangado... eu... vosmicê ficou na enxada aí... eu queria pedir perdão...
- JERÔNIMO - Está perdoado.
- DEMÉTRIO - Agradecido.
- JERÔNIMO - Venha comer um pouco de charque.
- DEMÉTRIO - Sim, senhor. *(Demétrio vem para a mesa. Comem)*
- FARFINO - Charque bom foi em 1953 quando o algodão deu 72 mil réis...
- XAVIER - 72 mil réis nunca mais deu...
- FARFINO - Foi em 1953 que você botou a casa de farinha, não foi, filho?
- JERÔNIMO - 1953? Foi. Não foi, Xavier?
- XAVIER - 1953? Foi. Foi em 1953.
- JERÔNIMO - Quando a gente botou reboco na parede, Xavier?
- XAVIER - Não foi em 1956?
- JERÔNIMO - 1956? Foi. 1956. Por causa que o Ranieri ia nascer. É. 1956. O fogão de tijolo foi em 1955 que o algodão deu 58 mil réis, até que seu Aristides fez uma viagem até Tinguá. Voltou gordo. 1955. Até que mudou o presidente. Seu Aristides viu Dimas em Tinguá... Cantador bom o Dimas... *(Canta)*
Um, dois, três, você é meu freguês...
Você cai
Caio mas com as calças de seu pai.
- FARFINO - Ai, que coisa engraçada. Ai, que coisa engraçada. *(Riem)*
- JERÔNIMO - Demétrio canta tão bem quanto o Dimas. *(Silêncio. Terminam de comer)*
- FARFINO - Ai, sempre ainda fico com fome... *(Farfino pega uma revista de foto novela)* Demétrio, lê aquele pedaço pra gente, lê...
- RANIERI - Lê, Demétrio...
- DEMÉTRIO - Leio... *(Demétrio se senta no meio deles com a revista na mão)*
- FARFINO - Aquele pedaço...
- DEMÉTRIO - *(Vai ler. Começa)* O pai da moça diz... Vosmicê não vem ler, pai?
- JERÔNIMO - Vou, agradecido. *(Vem também)* Me dê licença...
- DEMÉTRIO - *(Começa de novo)* O pai da moça diz: “Você não se casa com o Gilberto!” *(Todos olham a foto)* Aí o pai bate na filha. Olhe. Pá. *(Vira a página)* Aí a moça foi falar com o moço: “Fuja, Gilberto! Meu pai mandou matar você!” Olha o medo da moça. Olha. “Só saio daqui se você vier comigo!” “Não adianta, fuja, Gilberto!” Olha. Ela viu o bandido. Olha, olha...

- RANIERI - O revólver dele...
- FARFINO - Foge, foge...
- JERÔNIMO - Psiu...
- DEMÉTRIO - O bandido mata o moço. Olha. Matou o moço: “Adeus, meu amor” O moço morreu. *(Silêncio)*
- XAVIER - Moço de pouca sorte... *(Silêncio. Jerônimo muito emocionado)*
- JERÔNIMO - Lê de novo, Demétrio...
- DEMÉTRIO - *(Recomeça)* “Você não se casa com o Gilberto!” Aí o pai bate na filha. Olha. *(Vira a página)* “Fuja, Gilberto, meu pai mandou matar você!” “Só saio daqui se você vier comigo”. “Não adianta, fuja, Gilberto!”
- FARFINO - Foge, foge.
- JERÔNIMO - Psiu.
- DEMÉTRIO - Então o bandido mata o moço. Olhe. “Adeus, meu amor”. *(Jerônimo desta vez se levanta com a revista. Vai para um canto. Pausa. Emocionado)*
- JERÔNIMO - Mandou matar o moço? Seu assassinator! Deixe os outros viver! A moça é sua filha, homem! Cachorro! Filho de uma puta! *(Jerônimo senta-se num canto, perturbado. A família ficará parada na cena que se segue. Xavier vai contar o dinheiro na caixa. Os outros lêem. Cismam. Pela frente entram Coronel, Prefeito, Secretário da Justiça, Miguel Encarregado. Mais atrás, esperando por Miguel, S’Eudóximo)*
- CORONEL - *(A Miguel — os outros ouvem)* Um absurdo, Miguel. Assustar o povo, um absurdo. Se o senhor Prefeito não me telefona...
- PREFEITO - De madrugada...
- CORONEL - Até na Câmara dos Deputados falaram, Miguel...
- SECRETÁRIO - A Folha do Povo publicou, Salles...
- CORONEL - Não quero violência, Miguel. Não quero violência...
- MIGUEL - Vosmicê me mandou pagar a colheita e pôr o povo pra fora...
- CORONEL - Mas sem violência, sem violência...
- MIGUEL - Sem violência sai mais caro, doutor, vosmicê me disse que não podia gastar quase nada...
- CORONEL - Quero acordo, paz, sem violência... Empenhei minha palavra...
- MIGUEL - Sim, senhor...
- CORONEL - Quantos já foram embora?
- MIGUEL - É o povo do Tabuleiro... uns quinze... gente que tinha colheita pequena...
- CORONEL - Quem mais?
- MIGUEL - É só.
- CORONEL - Só?

- MIGUEL - Sem violência sai mais caro, doutor Coronel.
- CORONEL - Pode ir. *(Miguel sai. Eudóximo atrás)*
- S'EUDÓXIO - *(Sumindo)* Vosmicê falou com o Coronel de meu caso separado.
- SECRETÁRIO - Por que você não manda embora esse sujeito, Salles?
- CORONEL - Não posso. É um serviço duro, Enílton: faz o povo trabalhar...
- PREFEITO - Ele queria trazer delegado, polícia, eu não deixei...
- CORONEL - Fez muito bem, Justino, fez bem...
- PREFEITO - Ele disse que tinha ordem sua...
- CORONEL - Absurdo.
- SECRETÁRIO - São trezentas famílias, Salles, é uma loucura...
- CORONEL - Veja isso, Enílton! Veja, tudo abandonado, a terra, assim. Eles plantam em cima da terra quase. Veja. Depois, não tenho estrada, não tenho trem, não tenho armazenagem. Não posso agüentar. Meu algodão sai 3,7 mais caro que o de São Paulo e recebe a mesma coisa e ainda pago imposto lá...
- SECRETÁRIO - São trezentas famílias, trezentas...
- CORONEL - Isso é pátio dos milagres, Enílton. Estão transformando nosso Estado em...
- SECRETÁRIO - Onde vamos pôr trezentas fam...
- PREFEITO - *(Simultâneo)* O comércio da vila não gostou e...
- CORONEL - *(Corta)* Qual é a outra solução? *(Silêncio)* Vamos. Qual é? *(Pausa)* Vou lhe garantir 2 milhões para a eleição do governador, Enílton. Só eu. Vamos fazer desse Estado terra de gente outra vez, sem sindicatos nas ante-salas. Qual é a outra solução, hein? Preciso de você na Secretaria da Justiça e de você na Prefeitura... *(Silêncio longo)* Vai sujar todo seu sapato...
- SECRETÁRIO - Não faz mal... *(Entram no pátio)*
- CORONEL - Me dê licença, compadre Jerônimo? *(Jerônimo ainda estava parado. Vem até a porta)*
- JERÔNIMO - Mas é o compadre Salles. É o compadre Salles! Entre, compadre. Entre com seu amigo, doutor Justino, ê, quanta gente importante. Entre que a casa é humilde mas é limpa, entre com seu amigo. Deixe lhe ver, deixe lhe ver: vosmicê engordou, compadre, engordou...
- CORONEL - Como vai, dona Xavier?
- XAVIER - Na graça de Deus, Coronel, agradecida...
- CORONEL - Ê, seu Farfino...
- FARFINO - Ah, Coronel, ah, Coronel...
- CORONEL - Esse é o Demétrio, Jerônimo? Cresceu.
- JERÔNIMO - Isso está que está um alazão, compadre.
- CORONEL - Foi esse Demétrio que brigou com Miguel Encarregado?

- JERÔNIMO - Miguel Encarregado, me desculpe, não é boa coisa, compadre, ah, lhe digo...
- CORONEL - Olha o afilhado! Vem cá, Ranieri. (*Pega Ranieri no colo. Para o Secretário*) Esse é o Ranieri Mazzili da Silveira, meu afilhado...
- SECRETÁRIO - Ranieri Mazzili?
- JERÔNIMO - Ranieri Mazzili da Silveira, doutor, é homenagem que prestei pra essa Excelência. Ranieri, cumprimente o padrinho.
- RANIERI - Bom domingo. (*Eles riem*)
- JERÔNIMO - Tome um licor de jenipapo, compadre, seu amigo, doutor Justino...
- CORONEL - Obrigado, Jerônimo.
- JERÔNIMO - Não me faça desfeita, compadre, é licor feito em casa pela Xavier que tem uma mão que casei com ela por causa do licor de jenipapo. (*Riem. Aceitam. Jerônimo saúda com o copo na mão*)
Nesse copo comigo
Levante o licor Saúde pro amigo
e também pro doutor.
- CORONEL - (*Levanta o copo*) Bebo dessa bebida
bebo desse licor
na colheita muita vida
na vida muito amor (*Risos*)
- JERÔNIMO - Se sente compadre, se sente seu amigo, se sente doutor Justino...
- CORONEL - Não podemos ficar muito...
- JERÔNIMO - Vosmicê nunca que aparece, compadre. Perca uns minutos. (*Sentam-se*) Essa cadeira é meio bamba, doutor... (*Risos*)
Compadre, olhe estive pensando, já encontrei jeito pra vosmicê e pra nós, até que no ano passado já falei pra doutor Justino. Compadre, botando canaleta no sítio, puxa água do rio, a terra fica melhor, aí vem algodão feito neve e soluciona pra vosmicê e também ajeita a nossa vida...
- CORONEL - Eu vou criar gado aqui, compadre... (*Silêncio. A família se olha*)
- JERÔNIMO - É, mas se vosmicê ajuda a pôr canaleta, é só por empréstimo, aí vem algodão feito neve e já solucionava pra vosmicê e também ajeita a nossa vida...
- CORONEL - (*Tira um papel do bolso*) Já tenho a ordem de despejo, compadre...
- JERÔNIMO - Mas se vosmicê, é só um empréstimo, põe canaleta e puxa água do rio e a terra dá que vem algodão feito neve e já solucio...
- CORONEL - Mais algodão vendo aonde, compadre? Veja. É prejuízo. Não tenho estrada, não tenho trem... Não posso, Jerônimo...
- JERÔNIMO - É só um empréstimo e punha canaleta aí vem algodão que já solucionava pra vosmicê e também ajeita a nossa vida...
- CORONEL - Jerônimo, esse é o doutor Enílton Monteiro, secretário de Justiça,

vai ser o próximo governador do Estado. O Estado não tem mais dinheiro pra fazer estrada, ponte, nada. Nada, Jerônimo. Vou... botar gado na terra não é só pra mim... É dinheiro pro Estado... Pra melhorar pra vocês...

- JERÔNIMO - (*A Enílton*) Veja, seu Governador, é só um empréstimo e a gente põe canaleta, aí vem algodão feito neve e já solucionava pra vosmicê e também ajeitava nossa vida... (*Silêncio*)
- CORONEL - Jerônimo... eu... eu quero acordo ouviu? Vou pagar a colheita de algodão de cada um. Pago 30 mil réis... É o preço desse ano... Pago cada conta de milho, cada banana, a casa de farinha... Pago tudo...
- JERÔNIMO - Vosmicê faz um empréstimo, coisa pouca... (*Silêncio*)
- CORONEL - Pago tudo. Indenizo tudo. Casa, benfeitorias, tudo. Fale com o povo, Jerônimo. Cada um faça a sua lista do que tem e depois me apresente... Acerto tudo...
- JERÔNIMO - Espere mais um pouco, compadre...
- CORONEL - Tenho de ir... Bom-dia, dona Xavier... Bom-dia, seu Farino...
- FARFINO - Ah, Coronel, ah, Coronel... (*Saem. Jerônimo vai atrás. Coronel pára. Dão-se as mãos. Jerônimo quase não consegue falar*)
- JERÔNIMO - Compadre, essa terra eu não ia comprar de vosmicê?
- CORONEL - Infelizmente não é mais possível, Jerônimo. (*Pausa longa*)
- JERÔNIMO - Não quer mais um licor de jenipapo, compadre...
- CORONEL - Agradecido.
- JERÔNIMO - Bom domingo, compadre...
- CORONEL - Bom domingo. (*Jerônimo volta para a sua casa. Não chega a entrar, fica parado na porta. De costas para eles. Coronel e os dois se olham*)
- SECRETÁRIO - (*Um tempo*) Tem um cigarro? (*Coronel dá. Um tempo. Secretário acende. Um tempo. Saem*)
- JERÔNIMO - (*Entra. A família em silêncio*) O reboco da parede foi em 1956, por causa que o Ranieri ia nascer. A Nossa Senhora foi em 1948... O cimento do chão foi em 1950... Pai tinha doença com o úmido que ficava... Até que Xavier costurou essa coberta... Quanto custou, Xavier? A casa de farinha foi em 1953... Essa casa de farinha não tem melhor... Tenho cinquenta e três anos e no fim da minha vida recebo assim um pancada dessas? Coronel tem tanta cobiça que não vê que estou no fim da minha vida? Coronel não tem grandeza? Tem terra e terra e não tem grandeza? Então enterrei minha vida e... (*Pára. Tempo. Luz*)

CENA 3

Todos os camponeses. Uma fila no pátio. Os camponeses entregam papéis a Demétrio. Farfino, Ranieri e Xavier ajudam Demétrio. Numa ala do pátio estão Mé, Duda, Hélio da Preta, Camisa Verde e um grande número de camponeses ostensivamente parados. Jerônimo anda na

frente deles de um lado para o outro.

- VOZES - (Na fila) É quinhentos pés de algodão... (Seu Afonsozinho) Quatrocentos pés de algodão, uma conta de milho... Trezentos pés de algodão conta de banana...
- JERÔNIMO - (A Mé) Apresente suas contas, Mé, como os outros estão fazendo. Quatro dias que estou pedindo, Coronel está me aperreando.
- MÉ - Eu avisei, avisei, avisei que era coisa do Coronel. Agora já tem papel passado. Eu avisei e...
- JERÔNIMO - Apresente suas contas, Mé.
- MÉ - Não quero sair da terra, Jerônimo, fique com a gente e...
- JERÔNIMO - Também não quero sair, Mé. Quem quer sair da terra, homem? Mesmo que seja só por causa da saudade que vai sentir dela. E eu tenho colheita melhor que a sua, mais bem plantada, essa terra não existe mais em lugar nenhum... Mas tem papel passado, Mé. Coronel Salles é dono da metade de tudo, homem que lembra da gente no Natal, no batizado, o resto, ele tem uma carteira no bolso...
- MÉ - Não tenho medo do Coronel, não.
- JERÔNIMO - Dobre essa língua, Mé, que não sou sua mulher.
- MÉ - 30 mil réis é uma miséria.
- JERÔNIMO - Eu falo com o Coronel. Consigo mais. Já disse que falo com o Coronel.
- VOZES - 30 mil réis é pouco. — Não pode sair, não! — 30 mil réis é o preço! — 30 mil réis é o preço!
- DUDA - Se 30 mil réis é o preço desse ano, tenho colheita pequena, prefiro pegar o algodão e fazer um colchão pra mim!
- MÉ - Quanto, Jerônimo? 32 mil réis? 34 mil réis? Põe cinqüenta contos no bolso, cem contos e fica rolando até cair cheio de miséria que trabalho não existe por aí, não.
- JERÔNIMO - Trabalho se arranja, trabalho não falta pra trabalhador.
- MÉ - Pra você, você tem conhecimento na redondeza, tem casa de farinha, tem mil e duzentos pés de algodão, recebe indenização maior... e o resto do povo? Da minha terra só saio morto.
- JERÔNIMO - Apresente suas contas, não fique assim puxando o povo.
- MÉ - Da terra homem só sai morto!
- VOZES - Não sai! - Não sai! - Tem de sair, sim! 30 mil réis é o preço!
- JERÔNIMO - Quando Miguel Encarregado queria pôr o povo pra fora sem indenização eu juntei o povo e enfrentei porque enfrento até cobra com fome!
- MÉ - Da terra homem só sai morto.
- JERÔNIMO - Esse jeito de falar grosso do Mé só serve pra bodega! Agora

tem papel passado, se não fizer acordo agora, sai com baioneta de soldado cutucando na bunda, e a questão da indenização vai pro juiz e só recebe o dinheiro daqui seis meses...

- VOZES - Precisa fazer acordo! - Vamos ficar na terra!
- DUDA - É povo poltrão! É, povo poltrão.
- MÉ - Vamos, povo. A gente vai na cidade falar com o juiz, vai na porta do céu falar com Nosso Senhor Jesus Cristo mas não se sai daqui!
- DEMÉTRIO - Povo, olhe povo, povo, olhe, gente... (*Faz-se um pouco mais de silêncio*) Povo, a gente é rico, olhe o dinheiro que a gente tem junto, pai! (*Mostra os papéis*) 300 pés de algodão, 400 pés, 300, 250... Olha. Tem mais de milhão aqui. Mais de milhão e meio.
- VOZES - Precisa decidir. Não pode sair da terra, não!
- DEMÉTRIO - Povo, a gente dá a parte do Coronel, junta o algodão todo da gente, aluga caminhão e vai vender a colheita em Tinguá. Em Tinguá dá até 70 mil réis, povo. Aí a gente pode sair com mais segurança...
- VOZES - Não pode! — Aonde tem dinheiro pra caminhão? — Não vou misturar minha colheita, não!
- MÉ - É boa idéia do menino. É boa idéia.
- MARIVALDA - É idéia boa.
- FILHO - Isso, Demétrio, isso...
- JERÔNIMO - Mé, não puxe assim. Não pode misturar colheita que tenho mil e duzentos pés de algodão e vou pagar pra levar quem tem trezentos pés? E depois precisa armazenar, pagar caminhão, aonde tem dinheiro? Não puxe o povo, Mé.
- MÉ - Da terra, só morto.
- JERÔNIMO - Apresente suas contas, Mé, senão vejo meu caso separado amanhã.
- MÉ - Você já está arrumado, Jerônimo, não precisa pensar nos outros...
- JERÔNIMO - Não fale assim, não, Mé...
- MÉ - Você arranja trabalho... tem dinheiro guardado...
- JERÔNIMO - Veja como fala.. Mé, veja...
- MÉ - Quer abaixar a calça pro Coronel, abaixe ela sozinho...
- JERÔNIMO - Dobre essa língua.
- DUDA - É isso mesmo! Vosmicê vai levar algum por fora do Coronel?
- VOZES - Não pode brigar, não! — É isso mesmo!
- JERÔNIMO - Quero silêncio. (*As vozes diminuem*) Quero silêncio. (*Silêncio*) Mé, seu Duda, faça o favor de sair da minha casa...
- DUDA - O senhor não me faça essa desfeita de...

- JERÔNIMO - Faça o favor de sair da minha casa. (*Pausa. Silêncio. Duda sai*)
- MÉ - Deixe-se dessas coisas, Jero...
- JERÔNIMO - Sai, Mé. (*Pausa*)
- MÉ - (*A Demétrio*) Vem comigo, menino. Vamos ver junto isso da colheita...
- DEMÉTRIO - Me dê licença, pai?
- JERÔNIMO - Entra pra dentro, Demétrio. (*Demétrio entra. Mé sai. Metade do povo sai atrás dele*)
- MARIVALDA - Eu vou embora, Isaltino...
- ISALTINO - Marivalda... (*Marivalda sai*) é ela, não sou eu não, seu Jerônimo... (*Isaltino vai atrás de Marivalda. Silêncio*)
- JERÔNIMO - Agora, cada um veja seu caso separado... Entre Ranieri, Xavier. Venha, pai. (*Todos entram na casa. Jerônimo entra. Senta. Os que ficaram no pátio ainda esperam*)
- VOZES - Seu Jerônimo - Veja meu caso... — Por 34 mil réis eu saio — Seu Jerônimo — Fale pela gente, com o Coronel... (*Silêncio. Um olha o outro. Jerônimo parado com a família dentro de casa. O povo em silêncio começa a se dispersar. Fecha o pano*)

FIM DO SEGUNDO ATO

SEGUNDO ATO

CENA 4

Xavier arruma comida. Ranieri e Farfino sentados à mesa. Demétrio em pé. Papéis na mão. Um livro.

- DEMÉTRIO - Não saio da terra. Não saio nunca da terra.
- XAVIER - Cale essa boca.
- DEMÉTRIO - Diz que o Coronel vai mandar seu Mé embora hoje e botar a casa dele no chão. E o pai foi chamar o Coronel pra acertar as contas?
- XAVIER - Cale essa boca.
- DEMÉTRIO - Pai não pode sair da terra, mãe.
- XAVIER - Cale essa boca.
- DEMÉTRIO - Veja, mãe. A gente vende a colheita em Tinguá. O preço é de 67 mil réis e cinquenta centavos. A gente compra canalete. Não pode sair da terra. A gente é rico. Olhe, mãe, tem Instituto na cidade que manda gente pra ensinar o povo a tratar da terra e dá adubo e...
- XAVIER - Ensinar a tratar da terra? A gente sabe, a gente sabe.
- DEMÉTRIO - Sabe nada, mãe. A senhora não sabe nada.
- XAVIER - Sabe, a gente sabe.
- DEMÉTRIO - Não saio da terra.
- RANIERI - Também não quero sair, não.
- XAVIER - Cala essa boca.
- RANIERI - O pai abaixa a calça pro Coronel? *(Toma um tapa de Xavier)*
- FARFINO - Cruzes.
- RANIERI - O filho de seu Duda diz que o pai abaixa a calça pro Coronel. *(Toma outro tapa de Xavier. Cala-se)*
- FARFINO - Ah, povo ingrato! Ah! Só serve mesmo pra deixar moça solteira com filho no colo e olhar mulher nua tomando banho no rio. Jerônimo fica ajudando os outros, viu o que recebeu? Desaforo. Em mim, ninguém pensa, velho desse jeito, comendo charque ruim, café azedo. Tem uma goteira assim em cima da minha cama e Jerônimo nada de ver! Tem uma goteira assim em cima da minha cama, Xavier! Assim. *(Xavier vai pondo comida. Entra Chiquinho Pequeno)*
- CHIQUINHO - Que Deus esteja nessa casa, mais os anjos, os arcanjos, os benjamim, Santo Inácio, Santa Úrsula, São Gabriel e sua

- trombeta divina, amém.
- VOZES - Amém
- CHIQUINHO - Dona Xavier, me arranje um prato de comida que seu Miguel Encarregado depois que eu enfrentei, ele me mandou embora.
- XAVIER - Mãe, senhor, vosmicê não pode comer mais de nossa comida, não. Chega de ajudar os outros.
- FARFINO - É. Tem uma goteira assim em cima da minha cama, ouviu? Assim.
- XAVIER - Não pode comer de nossa comida, não.
- CHIQUINHO - Sim, senhora.
- FARFINO - *(Começando a comer)* Agradeço, Nosso Senhor, o pão nosso de cada dia.
- RANIERI - Amém. *(Comem. Chiquinho assiste)*
- FARFINO - *(Olhando Chiquinho)* Rum, farinha boa... *(Jerônimo entra com um grupo que carrega Marivalda que apanhou. Mé, Hélio da Preta, Camisa Verde e mais alguns camponeses atrás. Distanciados Eudócio e Afonsozinho)*
- VOZES - Cuidado com ela — Devagar. — Coitada de dona Marivalda...
- JERÔNIMO - Separe, gente, separe... deixe dona Marivalda tomar ar... *(Aumentam o círculo em volta dela. Jerônimo vai até a casa de farinha. Pega um linimento)*
- MARIVALDA - Ai, meu Deus... me deram tanta pancada... ai, minha vista... *(Jerônimo examina Marivalda)*
- JERÔNIMO - Vosmicê está muito mal, dona Marivalda. Esse olho, vosmicê acho que perde...
- MARIVALDA - É, sim senhor...
- VOZES - Foi uns três — Cheguei, estava caída. — Cachorrada! — Dona Marivalda é velha.
- JERÔNIMO - Mande levar ela pro sítio dela.
- MARIVALDA - Não posso sair da terra, seu Jerônimo, tenho oito filhos e não sei que diabo que dei de engravidar nesse mês, não sei como... ai...
- VOZES - Não fale — Coitada — Fique calma...
- MÉ - Veja isso, Jerônimo. *(Jerônimo quieto. A família veio olhar da porta. Demétrio se aproxima)* Fique do lado da gente...
- JERÔNIMO - Me dê licença, vou jantar agora...
- MÉ - Jerônimo, Coronel me mandou avisar que vai me mandar embora hoje, sem indenização. Disse que vai me pôr na estrada...
- JERÔNIMO - Vou embora amanhã.
- VOZES - Fique do lado da gente, seu Jerônimo — Fique — Fique.
- MÉ - O povo precisa de você, Jerônimo pra falar nas outras fazendas, falar com as autoridades, arranjar uma arma... Coronel disse que

- vai me mandar embora, Jerônimo.
- DEMÉTRIO - Seu Mé é seu amigo, pai...
- JERÔNIMO - Quem lhe chamou na conversa?
- DEMÉTRIO - Olhe o que fizeram com dona Marivalda...
- VOZES - O que fizeram com Dona Marivalda — Olhe, dona Marivalda...
- MÉ - Fique com a gente, Jerônimo.
- JERÔNIMO - Me dê licença. Vou jantar agora. (*Silêncio. Pegam Marivalda. Levam-na*)
- MARIVALDA - Ai, me deram tanta pancada... ai, minha vista... ai... (*Saem. Jerônimo parado - Eudóximo e Afonsozinho se aproximam*)
- S'EUDÓXIO - Vosmicê acertou suas contas?
- JERÔNIMO - Estou acertando.
- S'EUDÓXIO - Quanto?
- JERÔNIMO - Por menos de 35 mil réis, não saio.
- S'EUDÓXIO - Ah, seu Jerônimo, fale com o Coronel de meu caso, que sou homem de muito respeito, me arranje pro Coronel me pagar 35 mil réis...
- JERÔNIMO - Me dê licença, vou jantar agora... (*Jerônimo entra*)
- AFONSOZINHO - (*Depois de pausa*) Acho que vou aceitar mesmo os 30 mil réis... Viu o que fizeram com dona Marivalda? (*Saem*)
- JERÔNIMO - Boa-noite.
- VOZES - Boa-noite. (*Demétrio entrou também — Volta a comer*)
- JERÔNIMO - À bênção, pai.
- FARFINO - Deus te abençoe, filho.
- JERÔNIMO - (*Pega um dinheiro na caixa*) Demétrio, vá até na vila e dê oito contos e duzentos pra seu Quinzinho da farmácia... Ele me prometeu que me arranja um pedaço de terra na fazenda Montes Claros... (*Conta o dinheiro*) Sete contos e duzentos mil réis, sete contos e quatrocentos mil réis... veja aí uma nota de duzentos mil réis, Xavier, ande...
- XAVIER - Duzentos mil réis... duzentos mil réis...
- JERÔNIMO - Ande, Xavier...
- XAVIER - Duzentos mil réis... não me aflija... olhe... (*Jerônimo estende o dinheiro a Demétrio*)
- DEMÉTRIO - Me perdoe, pai, mas não vou.
- JERÔNIMO - Tome.
- DEMÉTRIO - Perdoe, pai...
- JERÔNIMO - Leve o dinheiro.
- DEMÉTRIO - Não, pai.
- JERÔNIMO - Tome.

- DEMÉTRIO - Perdoe, pai.
- JERÔNIMO - Leve o dinheiro.
- DEMÉTRIO - Levo não. *(Jerônimo tira o prato de comida de Demétrio, joga fora)*
- JERÔNIMO - Então, não come. *(A Ranieri)* Ranieri, leve o dinheiro.
- RANIERI - Está escuro. *(Jerônimo dá-lhe um tapa)*
- JERÔNIMO - Não quero choro. *(Ranieri pega o dinheiro e sai. Jerônimo senta-se na mesa. Come. Tempo. Chiquinho Pequeno se arrisca)*
- CHIQUINHO - Boa-noite, compadre.
- JERÔNIMO - Boa-noite.
- CHIQUINHO - Será que vosmicê podia me arranjar um prato de farinha?
- JERÔNIMO - Lhe dou comida se vosmicê me ajudar na colheita.
- CHIQUINHO - Ajudo, compadre, ajudo. Será que eu podia comer um prato de farinha por conta? *(Jerônimo faz que sim. Ele come)* Coronel vai mandar seu Mé embora, compadre?
- JERÔNIMO - Não sei.
- CHIQUINHO - Seu Mé nunca me deu um prato de comida, seu Jerônimo. Não quero falar, mas seu Mé não é boa pessoa como vosmicê, não. *(Xavier vai para a porta. Começa a contar dinheiro)*
- XAVIER - Cem mil réis, cento e vinte mil réis, cento e trinta...
- FARFINO - Charque ruim. Charque bom era o de 1953. Lembra, Jerônimo?
- JERÔNIMO - Lembro, sim senhor.
- FARFINO - Até que veio circo na cidade.
- JERÔNIMO - É.
- FARFINO - Como é que o Dimas canta, filho?
- JERÔNIMO - *(Pausa)* Um dois, três, você é meu freguês Você cai Caio, mas com as calças de seu pai.
- FARFINO - Ai, que coisa engraçada, ai, que coisa engraçada.
- JERÔNIMO - Ele cantava e seu Aristides urinava de rir.
- FARFINO - Ai, que coisa engraçada, ai, que coisa engraçada.
- JERÔNIMO - Xavier, quando Dimas cantava, seu Aristides não urinava de rir?
- XAVIER - Urinava.
- JERÔNIMO - Era uma coisa muito engraçada. *(Riem)* Vamos ver a colheita, gente.
- CHIQUINHO - *(Rindo saem Jerônimo, Xavier e Chiquinho)* Se vosmicê não se incomodar, vou trabalhar bem de levezinho que tenho formigueiro no rim, ai que dor, ai que dor... *(Saem)*
- FARFINO - Caio, mas com as calças de seu pai... *(Rz)*
- DEMÉTRIO - Tanta terra, tanta terra...

- FARFINO - Ai, que coisa engraçada, ai...
- DEMÉTRIO - Por que é que a gente tem de ir embora? Tem tanta terra. Só existe terra.
- FARFINO - Caio mas com as calças do seu pai...
- DEMÉTRIO - Coronel vai pôr o Mé pra fora, avô...
- FARFINO - É bem-feito, bem-feito, bem-feito...
- DEMÉTRIO - Cale essa boca, avô. *(Pausa longa)* Só tenho dois braços, avô... Só dois braços...
- FARFINO - Todo mundo... *(Silêncio. Farfino começa a rezar. Coronel e Miguel e Secretário entram. Secretário com uma mala. Farfino se levanta para recebê-los)*
- CORONEL - Onde está o Jerônimo?
- VOZES - *(Farfino e Demétrio acavalam)* Pai está vendo a colheita, doutor Coronel. — Subiu agora pra colheita. — Mesmo de noite está...
- CORONEL - Vim acertar as contas...
- VOZES - Pois não, Coronel — A gente chama ele agora — É coisa pouca, Coronel... *(Saem os dois gritando pai, doutor Coronel está aqui, pai — Jerônimo, filho, Jerônimo... Coronel está aqui, não está vendo? Suas vozes se distanciam)*
- SECRETÁRIO - Calma, Salles, calma.
- CORONEL - Você só me diz calma, Salles, calma, Salles. Por que não posso despejar essa gente? Por que não posso trazer tropa? A terra é minha. Tenho ordem de despejo.
- SECRETÁRIO - Salles, a oposição é forte, Salles...
- CORONEL - Tenho de trazer o gado, Enílton. Estou tendo prejuízo. O gado está emagrecendo em Goiás. Não vou agüentar, Enílton. Quase a metade dos camponeses não quer sair, quase a metade...
- SECRETÁRIO - Muita calma, Salles, por favor...
- CORONEL - *(Mostra um jornal)* Esse Artur Junqueira é deputado amigo seu, é homem seu. Ontem falou em desapropriação de terras na Câmara. Foi ordem sua? Secretário — Ordem minha, Salles?
- CORONEL - Você quer mesmo que os camponeses saiam da minha terra ou quer fazer demagogia à custa da minha vida e do meu passado?
- SECRETÁRIO - Quando você se acalmar me procure em João Pessoa. O gabinete também é seu. *(Pega a mala. Sai)*
- CORONEL - Miguel, avise o Delegado. Que fique esperando. Se até dez horas da noite não receber nenhuma contra-ordem, você vem com ele e põe o Tomé na estrada. De noite mesmo.
- MIGUEL - Mesmo sem ordem de execução do despejo, doutor?
- CORONEL - Mesmo sem ordem.

- MIGUEL - Mesmo sem ordem do Prefeito?
- CORONEL - Mesmo sem ordem do Prefeito. Essa gente não chega a acordo porque meia dúzia anda enchendo a boca e dizendo que não sai e não sai. O Tomé sai hoje. Com o Jerônimo acerto agora. Pode ir. *(Pausa)* O que é?
- MIGUEL - Tenho duas mulheres, Coronel, oito filhos... vou me arriscar... *(Coronel dá um dinheiro para Miguel — Jerônimo entra com a família)*
- JERÔNIMO - Compadre, vosmicê me perdoe, eu estava lá em cima e vim correndo que... Ô, Demétrio, não serviu um licor ao Coronel? Boa-noite, seu Miguel. Esteja a gosto. Veja um licor, Xavier... *(Xavier serve o licor)* Ô, Demétrio, nem pra ver um licor... Feito pela Xavier, seu Miguel... *(Miguel bebe. Coronel em silêncio)*
- MIGUEL - Apreciei muito. Boa-noite.
- VOZES - Boa-noite. *(Sai Miguel)*
- CORONEL - Vim acertar as contas, Jerônimo. *(Silêncio)* Vamos acertar as contas, Jerônimo?...
- JERÔNIMO - Sim, senhor.
- CORONEL - Quando você sai?
- JERÔNIMO - É... Amanhã está bem?
- CORONEL - Está. Passe no Miguel pra receber.
- JERÔNIMO - Sim, senhor.
- CORONEL - *(Pega o papel)* Jerônimo... Jerônimo... Mil e duzentos pés de algodão a... 35 mil réis... É isso?
- JERÔNIMO - 35, sim senhor.
- CORONEL - Casa de farinha de quantos quilos?
- JERÔNIMO - É cinco quilos, seis quilos, sim senhor...
- CORONEL - Duas quadras de milho?
- JERÔNIMO - Duas.
- CORONEL - Uma já está morrendo.
- JERÔNIMO - Não, compadre.
- DEMÉTRIO - Pai, não acerte as contas...
- JERÔNIMO - Fique quieto.
- DEMÉTRIO - Pai, não.
- JERÔNIMO - Me deixe falar com o compadre...
- DEMÉTRIO - É verdade que vosmicê vai mandar seu Mé embora?
- CORONEL - Vou. Hoje de noite. Se não apresentar as contas até dez horas...
- DEMÉTRIO - Veja, pai, veja.
- JERÔNIMO - Fique quieto.
- DEMÉTRIO - Não pode sair da terra, pai. 30 mil réis é miséria.

- JERÔNIMO - Demétrio, estou avisan...
- DEMÉTRIO - Vosmicê vai receber 35 mil réis, tem dinheiro guardado, casa de farinha...
- JERÔNIMO - Cale a boca.
- DEMÉTRIO - Tanta terra, tanta terra.
- CORONEL - Sabe quanto custa pra recuperar essa terra toda, menino?
- DEMÉTRIO - Dinheiro não lhe falta, ah! não, dinheiro não lhe falta...
- JERÔNIMO - Demétrio.
- DEMÉTRIO - Compra do povo por 30 mil réis, vende em Tinguá por 70 mil réis, compra do povo por 30 mil réis...
- CORONEL - *(Em cima)* Pago armazém, transporte, escritório, advogado, sabe o que é advogado?
- DEMÉTRIO - Paga armazém mas gente vosmicê não paga! *(Jerônimo segura Demétrio)*
- JERÔNIMO - Demétrio.
- DEMÉTRIO - Ninguém vai sair da terra, não, Coronel, lhe aviso... *(Jerônimo pula em Demétrio)* Não vai sair da terra, não. *(Jerônimo fecha a boca de Demétrio. Rola com ele no chão — Demétrio levanta. Foge, Jerônimo vai atrás, derruba-o. Dá-lhe pontapés)*
- CORONEL - Pare com isso, Jerônimo. *(Jerônimo pára. Demétrio fica meio estendido no pátio. Jerônimo volta lento para dentro de casa. Senta. Longa pausa)* Quanto você quer pela casa de farinha?
- JERÔNIMO - O senhor vê...
- CORONEL - Cinco quilos por dia?
- JERÔNIMO - É.
- CORONEL - Dezoito contos está bem?
- JERÔNIMO - Está, sim senhor.
- CORONEL - Passe amanhã no Miguel. *(Pausa)* Boa-noite.
- JERÔNIMO - Boa-noite. *(Coronel sai. Família em silêncio. Tempo)*
- CHIQUINHO - Ainda não está na hora de comer mais um pouco, seu Jerônimo?
- JERÔNIMO - *(Pausa)* Não queria sair da terra, pai.
- FARFINO - É.
- JERÔNIMO - Essa terra era um mato.
- FARFINO - É.
- JERÔNIMO - *(Pausa)* Se vosmicê soubesse como eu sei que está com a razão. *(Pausa)* Xavier, vá falar com o Mé. Chame ele aqui. Que quero falar com ele. *(Xavier sai)* Pai. Vamos rezar, pai.
- FARFINO - Vamos, filho. *(Tom)* Ora pro nobis...
- JERÔNIMO - Ora pro nobis...

- FARFINO - Mater Tragissima, Mater Purissima...
 JERÔNIMO - Mater Tragissima, Mater Purissima...
 FARFINO - Mater Admirabilis, misere nobis...
 JERÔNIMO - Mater Admirabilis... (*Luz*)

CENA 5

A casa de Jerônimo apinhada de gente. Noite fechada. Lampião. São os que não querem sair. Só Duda não está. Mé, Hélio da Preta, Camisa Verde, mulheres. Ranieri voltou.

- JERÔNIMO - Acerte suas contas, Mé. Acerte suas...
 MÉ - Já disse que não...
 MULHER - Ouve seu Jerônimo, Hélio.
 HÉLIO - Cale essa boca.
 JERÔNIMO - Estou dizendo pra acertar suas contas.
 MÉ - Não tenho medo do Coronel.
 JERÔNIMO - Não me fale assim na minha casa.
 MÉ - Você pode sair, tem colheita farta.
 JERÔNIMO - Não é isso, não é. Vou sair pra evitar desgraça, que tenho família, enguli satanás pra aprender a ter meu juízo...
 VOZES - Não quero sair. - Não posso sair.
 MÉ - Desgraça não se evita. Desgraça, se enfrenta.
 JERÔNIMO - Não queria mais falar com você, Mé. Você me desrespeitou.
 MÉ - Não saio.
 VOZES - Não posso sair. Não posso.
 JERÔNIMO - Mas eu fico pensando em você, Mé. Fico pensando: o Mé, o Mé, o Mé. Junto com Mé expulsei o Teotônio que aperreava a vizinhança. Junto com Mé achei tanta graça... Mé... Eu também queria ficar, Mé...
 HÉLIO - Gastei todo meu dinheiro pra acabar com praga na colheita... Se sair, estou na miséria... Prefiro arriscar...
 JERÔNIMO - Arriscar a vida do filho, Hélio? Arriscar se parar a família? A terra é desse Coronel. Não é de Nosso Senhor Jesus Cristo, não. É sair agora com 30 mil réis, com 35 mil réis, podendo ser recebido em outra terra, ou sair daqui quinze dias com tropa, com questão na justiça, mal falado na redondeza...
 HÉLIO - Tem de pagar meus doze anos que estou na terra...
 JERÔNIMO - Olhe sua mulher, Hélio. Olhe sua família. Uma vez eu saí duma terra, fiquei um ano num canto e Xavier num outro... Mé...
 MÉ - Não saio, Jerônimo.
 JERÔNIMO - Pela amizade que a gente se tem.

- MÉ - Não sou covarde, não.
- JERÔNIMO - É. Quer andar num caminho que não tem saída. É covarde.
- MÉ - Não saio. Eu tenho mil pés de algodão, Jerônimo. Tenho conta de milho. Saio, me arrumo. Os outros, não. Não tem trabalho aí fora, aí fora tem mais desgraça, tem porta de igreja pra pedir esmola... Vou sair e continuar sozinho, sem motivo? Vão saber. Vão saber onde houver ouvido pra escutar que Mé não saiu. Que Mé fez um bonito. Não troco dez anos dessa paz por isso que estou sentindo. Esse bonito, Jerônimo. Feito eu fosse todo mundo, feito eu fosse comida. Estou esperando às dez horas. Se você ouvir dizer que me tiraram da terra, é que estou morto. (*Mé sai. O povo fica em silêncio. Demétrio acompanha a saída até o pátio*)
- XAVIER - Esse Mé...
- JERÔNIMO - Mé não sabe enfrentar as coisas de frente...
- XAVIER - Que horas a gente sai?
- JERÔNIMO - Mé não sabe. Mé não sabe...
- XAVIER - Boa-noite.
- JERÔNIMO - Boa-noite.
- FARFINO - Boa-noite, filho.
- JERÔNIMO - A bênção, pai.
- RANIERI - A bênção, pai.
- JERÔNIMO - Deus te abençoe. (*A família vai se deitando*)
- CHIQUINHO - Que Deus esteja nessa casa, mais os anjos, os arcanjos, os benjamim, Santo Inácio, Santa Úrsula, São Gabriel e sua trombeta divina, amém.
- VOZES - Amém.
- CHIQUINHO - Seu Jerônimo, me dê licença de levar mais uma cuia de farinha pra prevenir uma fome traiçoeira de denoite (*Jerônimo faz que sim, Chiquinho pega. Vai dormir na casa de farinha. Jerônimo vai para onde está Demétrio. Silêncio*)
- DEMÉTRIO - (*O lampião dentro da casa é apagado por Xavier*) Seu Mé tem razão, não tem? (*Jerônimo quieto*) Não tem, pai?
- JERÔNIMO - Não sei.
- DEMÉTRIO - Pai, seu Mé tem razão.
- JERÔNIMO - Também já pensei na minha vida: foi lá no Rio Grande do Norte, o povo entrou na terra de um fazendeiro. Nem uma semana veio aquela polícia... e tiro e tiro. Xavier me puxou, me mostrou você. Então eu saí... Ah, mas me deu uma vergonha. Eu era só isso? Feito cachorro sem dono que só serve pra ir pra lá, ir pra lá, vai pra lá... só sou vivo pra Xavier, pra Demétrio, pro resto do mundo estou morto, meu Deus do céu? Meu mundo é quatro quadras de terra? Ah, deixei Xavier, larguei você, larguei o pai, me pus no mundo, briguei de faca, comprei querela dos outros,

ataquei soldado, enfrentei Celestino, fui penitente, rezei no mato, bebi álcool puro, deflorei mulher, fui de joelho em Itabarana, segui homem santo. E nada! Nada, meu Deus do céu! Me dê uma luz! Um dia, foi um dia, me lembrei do que o pai da Xavier me dizia: “Vida melhora ou piora, Jerônimo, não muda”. Então eu pensei, fiquei pensando, aquele pensamento... foi entrando uma paz. Ah. Era assim, Demétrio. Não podia mudar porque era assim. É mundo sem Deus. Não pregaram Nosso Senhor na cruz? Pregaram. Cada um tem seu tamanho, sua barriga. Quem tem pouco tamanho que engula. Eu vi meu tamanho, a paz foi entrando... Então, eu voltei: Xavier me deu comida, veio gente me dizer bom-dia... Não sou sozinho, tenho eu com Deus me espiando. Sem cobiça, sem raiva, sem esperança. Só eu. Gente pobre só pode ser santo. Criei você, Ranieri, nunca faltei na cabeceira de moribundo, nunca faltei em mutirão. Tem um tamanho na terra, tem um tamanho na alma. Pra Deus. Esse é que me importa. Ranieri pode dizer que é filho de Jerônimo da Silveira. Tenho meu caminho curto mas que andei passo por passo... *(Silêncio longo. Luz)*

CENA 6

Cena vazia. Hélio da Preta passa com uma enxada na mão. A mulher atrás dentro da casa, Demétrio está sentado na cama. No escuro.

- MULHER - Não vai lá, Hélio, não vai lá...
- HÉLIO - Volta pra casa, mulher.
- MULHER - Volta, Hélio, você tem filho...
- HÉLIO - Pra casa, mulher... *(Sai. A mulher volta. Camisa Verde e seu Isaltino passam)*
- CAMISA - Vai deixar seu Mé sozinho?
- ISALTINO - Já acertei minhas contas com o Coronel.
- CAMISA - Tenha vergonha, tenha vergonha... bateram na sua mulher... *(Cruzam com um camponês que anda firme)*
- CAMPONÊS - *(A Camisa)* Vamos ver? *(Camisa Verde volta com ele. Isaltino sai em outra direção)*
- XAVIER - Dorme, Demétrio. *(Silêncio)* É, Demétrio. *(Demétrio, tempo. Levanta. Vai até Xavier)*
- DEMÉTRIO - Me abençoe, mãe.
- XAVIER - É, Demétrio.
- DEMÉTRIO - Me abençoe. *(Xavier põe a mão na cabeça de Demétrio. Demétrio passa a mão na espingarda de Jerônimo. Sai. Jerônimo no pátio se levanta. Esperava o filho. Longo silêncio)* Tenho de ir, pai. *(Longo silêncio)* Está dentro de mim queimando feito fosse tocha.
- JERÔNIMO - Eu sei... a coisa mais difícil da gente desistir é da coragem....

- DEMÉTRIO - Preciso de ir, pai.
- JERÔNIMO - Não pode.
- DEMÉTRIO - A bênção, meu pai.
- JERÔNIMO - Fique, Demétrio.
- DEMÉTRIO - Pelo amor de Deus, meu pai.
- JERÔNIMO - Fique, Demétrio. (*Demétrio corre para ir. Jerônimo o segura. Os dois se agarram*)
- DEMÉTRIO - Pelo amor de Deus, meu pai, pelo...
- JERÔNIMO - Filho, lhe juro, isso passa, passa...
- DEMÉTRIO - Quero ver comigo, pai, quero ver o mundo comigo...
- JERÔNIMO - Todo mundo quer, todo mundo quer...
- DEMÉTRIO - Seu Mé está lá, meu pai, meu pai...
- JERÔNIMO - Ele escolheu assim, Demétrio. Lhe juro que tenho razão. (*Demétrio força*) Você não vai. Filho meu não se mete nisso.
- DEMÉTRIO - A bênção, pai, a bênção... (*A família Veio toda. Chiquinho acordon*)
- JERÔNIMO - Pra dentro, pra dentro.
- DEMÉTRIO - A bênção, pai, a bênção...
- JERÔNIMO - Pra dentro... (*Demétrio se distancia*)
- DEMÉTRIO - Meu pai, não vou passar minha vida de chapéu na mão, lendo revista de história, agradecendo comer farinha e farinha e farinha...
- JERÔNIMO - Cala essa boca.
- DEMÉTRIO - Ah, não passo minha vida na cabeceira de moribundo, ah, não... não me meço pela paciência... a bênção, meu pai, a bênção...
- JERÔNIMO - Ah, menino, ah, diabo...
- DEMÉTRIO - Ah, não, não, não passo minha vida pra engulir ela...
- JERÔNIMO - Sou seu pai, cachorro!
- DEMÉTRIO - Não fico como o senhor, meu pai, não fico...
- JERÔNIMO - Me respeite. Me respeite.
- DEMÉTRIO - Lhe botaram nessas quatro quadras de terra e vosmicê invés de reclamar acha que é esse o lugar que lhe cabia. Não me acostumo com desgraça, não me meço por desgraça...
- JERÔNIMO - Sai daí, Demétrio...
- DEMÉTRIO - Quero esse mundo dobrado debaixo do meu peso de homem, meu pai, a bênção, meu pai, a bênção meu pai... a...
- JERÔNIMO - Sai, sai, sai... (*Demétrio sai correndo. A família olha espantada. Luz*)

CENA 7

Jerônimo e família põe suas coisas fora de casa. A mesa, estrados, tudo. Jerônimo vem de fora para

dentro da cena trazendo sacos de colheita.

- JERÔNIMO - Não esquece a Nossa Senhora, Xavier.
- XAVIER - Não.
- JERÔNIMO - Põe chapéu, Ranieri. Tem muito sol.
- RANIERI - Sim, senhor.
- JERÔNIMO - (*Guardando a Nossa Senhora*) Essa Nossa Senhora comprei em 1948.
- XAVIER - Foi. (*Camponeses passam com mudança*)
- CAMPONÊS - Bom-dia.
- JERÔNIMO - Bom-dia.
- CAMPONÊS - Vou-me embora, seu Jerônimo. A briga começou. Descorçoei. Aceitei os 30 mil réis mesmo... Se a gente não se encontrar nunca mais, adeus, seu Jerônimo...
- JERÔNIMO - Adeus, seu Lima... (*Sai. Pegam coisas. Chiquinho Pequeno entra*)
- CHIQUINHO - Vosmicê vai embora?
- JERÔNIMO - Vou.
- CHIQUINHO - Me leve, compadre.
- JERÔNIMO - Não posso. (*Chiquinho Pequeno vai para um canto*)
- CHIQUINHO - Ai, meu Deus, vou pra onde? Seu Mé ontem queimaram o roçado dele, diz que agora não vai mesmo embora e vai brigar. Eu de briga, não aprecio nem briga de galo. (*Jerônimo sai e entra*) Vosmicê vai embora, seu Miguel Encarregado me mandou embora, fico nesse desamparo. Trabalhar me é coisa muito difícil por causa do rim, também tenho um intestino mais grosso do que o outro. E isso também é coisa de família que meu pai, muito inteligente, não trabalhava mesmo. Homem de muita cabeça, ia na casa dos amigos e contava anedota e ia comendo e contando anedota e dormia e ia ficando. Meu pai me cansou de contar anedota, desprezei os ensinamentos, era moço, cheio de ilusão, queria ser bispo... Agora me vejo nesse desamparo... (*A família arruma. Chiquinho no canto choraminga*)
- RANIERI - Demétrio não vem com a gente? (*Silêncio*) Demétrio não vem com a gente? (*Toma um tapa de Xavier. Vai pegar coisas. Seu Afonsozinho entra correndo*)
- AFONSOZINHO - Seu Jerônimo, me socorra, seu Jerônimo...
- JERÔNIMO - O que foi, seu Afonsozinho?
- AFONSOZINHO - É meu filho, seu Jerônimo, não quer sair da terra. Não quer me deixar ir acertar as contas com o Coronel. Que o Coronel arranca o pé de algodão de quem sai da terra e que ele quer ficar e que 30 mil réis é uma miséria... Fale com e, seu Jerô...
- JERÔNIMO - Não me meto mais em assunto dos outros, não...
- AFONSOZINHO - Pelo amor de Deus, explique a ele que o Coronel fechou o

armazém, que vai ter fome, vai ter desgraça. Se não receber agora, só recebe daqui seis meses... Fala, seu Jerônimo. ., Ah, meu Deus, nem sei quantos filhos eu tenho... Seu Jerônimo... *(Entram muitos camponeses, Duda, Hélio da Preta, Camisa Verde, Isaltino, Marivalda com uma banda nos olhos, Mé, Eudócio, Demétrio, filho de Afonsozinho e mais alguns. Afonsozinho corre para o filho)* Olhe ele... Fale, seu Jerônimo... Ouça seu Jerônimo, seu desmiolado...

- ISALTINO - Vamos embora, Marivalda...
- MARIVALDA - Eu fico. *(Silêncio. Longa pausa)*
- JERÔNIMO - Seu Duda não é bem recebido na minha casa. *(Tempo. Duda sai)*
- MÉ - Queimaram meu roçado ontem.
- JERÔNIMO - Veja as revistas, Xavier. *(Silêncio)*
- MÉ - Deram tiro, queimaram o roçado. Eu não saí.
- JERÔNIMO - Veja também o pinico do Ranieri. *(Pausa)*
- MÉ - Coronel fechou o armazém. *(Pausa)* Nós viemos pedir pra você não ir embora.
- JERÔNIMO - Embrulhou as panelas?
- XAVIER - Embrulhei.
- MÉ - O povo precisa de você pra ir falar nas outras fazendas, pedir comida. Pra ir falar no comércio. *(Tempo)* A gente juntou um dinheiro. Eu mais o Hélio da Preta vamos na capital falar com juiz, com autoridade. Seu filho Demétrio formou uma associação, Jerônimo. Que registrando ela, consegue empréstimo em banco.
- JERÔNIMO - Me dê licença, tenho de chegar antes de anoitecer.
- RANIERI - Pai...
- JERÔNIMO - Não fale comigo, moço, por favor. *(Silêncio. Jerônimo arruma as coisas)*
- S'EUDÓCIO - Vosmicê fala de boca cheia que tem dinheiro guardado e acertou com o Coronel por 35 mil réis...
- HÉLIO - Isso é verdade.
- VOZES - Isso é verdade — Tem dinheiro — Isso é verdade. *(Mé levanta os braços. As vozes morrem. Jerônimo volta a arrumar)*
- DEMÉTRIO - Pai... Coronel está arrancando pé de algodão de quem sai da terra... *(Pausa)* Eu queria ficar, meu pai... Não entregue a colheita... *(Pausa)* A Associação há de dar certo, pai. Vosmicê há de dar certo, pai. Vosmicê há de viver melhor, viver merecido, pai, com mais paz... *(Pausa)* O povo lhe quer bem... *(Pausa)* Pai, eu também plantei isso... Isso é meu, pai... *(Pausa)* Pai, fiz as contas: de treze anos de plantação, o Coronel deve três milhões pra vosmicê. Coronel lhe deve 3 milhões, meu pai! Isso é seu, meu pai. Dessa terra não tiram um pé de algodão. *(Pausa)* Se vosmicê não fica, fico eu. Fico morando no meio do pé de

algodão. Essa colheita também é minha, pai. Não vendo ela por 35 mil réis... *(Pausa. Jerônimo continua arrumando. Tempo. Mé se atira em Jerônimo. Segura-o)*

- JERÔNIMO - Que é isso? Que é isso, Mé? Sai, sai... *(Hélio, Camisa Verde o seguram. Marivalda idem. Demétrio afastado)* Que é isso? Me largue. Me largue.
- AFONSOZINHO - Não faz isso...
- MÉ - Vai, povo, pegue essa colheita. Vai. O resto está lá no fundo. Vai, povo. Anda, povo. Anda, povo.
- JERÔNIMO - Ladrão, me largue. Você me paga, Mé. Como seus olhos, como seus olhos...
- RANIERI - *(Se atira no grupo)* Largue o meu pai, largue...
- MÉ - Anda, povo.
- JERÔNIMO - Eu como seus olhos, Mé. Minha vida, cuido eu. Me largue. Ah, me deixe o braço livre... Engulo o coração de vocês todos. Filhos duma cadela. Me largue... *(O povo vai todo embora levando coisas. Deixam Jerônimo no chão caído. Só Demétrio e família. Olham-se. Um tempo. Demétrio sai. Luz)*

FIM DO SEGUNDO ATO

TERCEIRO ATO

CENA 8

Os móveis ainda estão fora. Ranieri, sentado numa cadeira, no pátio. Chora. Um tempo. Chiquinho Pequeno entra.

- CHIQUINHO - E, menino. Cadê a família?
- RANIERI - Sei não senhor.
- CHIQUINHO - Onde está a farinha?
- RANIERI - Ali. *(Chiquinho vai até lá. Faz um prato. Come)*
- CHIQUINHO - Está chorando de que, menino?
- RANIERI - Nada, não.
- CHIQUINHO - Você tem sorte e chora, menino? O único lugar que tem comida é aqui. Chore, não. Se eu fosse chorar inundava o mundo de novo. Você nasceu de bunda pra lua, menino. *(Come. Entram camponeses. Demétrio, Duda, Camisa Verde, Filho, Marivalda e mais Eudócio)*
- VOZES - O povo, com fome — tenho fome — comida acabou.
- S'EUDÓXIO - Na minha casa já acabou quase tudo, quase tudo, a mulher chora e chora...
- VOZES - Na minha casa também - Meu filho está doente!
- DUDA - Vamos assaltar o comércio na vila, povo.
- DEMÉTRIO - Não, seu Duda, não.
- MARIVALDA - O comércio está do nosso lado, seu Duda...
- DUDA - Cobram por um punhado de sal como se fosse ouro em pó. E dinheiro à vista.
- VOZES - Vamos no comércio! — Vamos assaltar o comércio!
- DEMÉTRIO - Se a gente assaltar o comércio, aí é que vem tropa mesmo e tira a gente como ladrão. Vamos esperar seu Mé chegar.
- DUDA - Não é você quem manda aqui, menino. Você já gastou quase todo nosso dinheiro pagando peso de ouro pela comida...
- MARIVALDA - Dinheiro está acabando porque vosmicê não dá o seu, fica escondido.
- DUDA - Não dou meu dinheiro pra alimentar todo povo, não.
- MARIVALDA - Tem que dar o dinheiro.
- DEMÉTRIO - Camisa Verde, quem foi que você escolheu pra mandar?
- CAMISA - Você.

- DEMÉTRIO - Afonso.
- FILHO - Você.
- VOZES - Você — Você.
- DEMÉTRIO - Seu Duda.
- DUDA - *(Pausa)* Você.
- DEMÉTRIO - *(Silêncio)* Não vai assaltar o comércio, não. Vamos esperar, seu Mé. Seu Duda, Camisa Verde vão até a fazenda de Montes Claros, peça comida. Dona Marivalda, distribua o que tem de farinha pelo povo. Distribua igual que ontem teve muita reclamação. O resto fica vigiando a terra pra não tirar pé de algodão. Qualquer coisa estoura um foguete no ar. Que Deus fique com a gente.
- VOZES - Amém. Amém. *(Vão saindo)*
- CHIQUINHO - Vou tomar também um licor de jenipapo. *(Pega o litro)* Chore, não, menino. Você nasceu de bunda pra lua. Não vá dizer pra seu pai que eu tomei licor de jenipapo que o homem do saco chupa seus olhos...
- RANIERI - Sim, senhor. *(Entram Jerônimo, Xavier, Farfino atrás de Miguel)*
- JERÔNIMO - Por favor, seu Miguel, me pague a colheita, seu Miguel por fa...
- MIGUEL - Não posso, Jerônimo. Sem a colheita entregue não tenho ordem de pagar.
- JERÔNIMO - Me levaram a colheita, seu Miguel, eu estava aqui, olha o móvel no pátio...
- MIGUEL - Você já me contou, Jerônimo...
- JERÔNIMO - Eu estava aí e já tinha posto a Nossa Senhora no saco e as canecas e então me tiraram tudo e me seguraram e...
- MIGUEL - Fale com o Coronel..
- JERÔNIMO - Coronel não chega, faz três dias.
- MIGUEL - Coronel chega hoje.
- JERÔNIMO - Se ele não chega, seu Miguel.
- MIGUEL - Reclame com o Mé, com seu filho Demétrio. Não era você que juntava todo o povo pra reclamar do Miguel Cachorro?
- JERÔNIMO - Não, seu Miguel... *(Miguel sai. Jerônimo ainda vai atrás)* Seu Miguel... Seu Miguel... nunca lhe chamei de Miguel Cachorro... *(Para. Volta. Farfino sentado no pátio. Xavier na porta com a caixa de dinheiro. Tempo)* Eu faço uma desgraça. *(Entra dentro da casa. Senta no chão. Xavier conta dinheiro)*
- CHIQUINHO - Bom-dia, seu Jerônimo, estou comendo um pouquinho...
- RANIERI - *(Chorando)* A gente vai embora, pai?
- JERÔNIMO - Não sei.
- RANIERI - Pai, vosmicê abaixou a calça pro Coronel? *(Jerônimo dá um tapa*

em Ranieri. Ranieri volta para o canto. Chora)

- XAVIER - Cem mil réis, cento e dez mil réis... (*Entram o secretário e Prefeito*)
- SECRETÁRIO - Isso é ilegal, doutor Justino. Isso é ilegal. O Coronel. não pode manter o armazém fechado...
- PREFEITO - Não posso fazer mais nada. Transferi o delegado, estou apertando o comércio pra vender mantimentos pros camponeses. Não posso fazer mais nada.
- SECRETÁRIO - Ele exige que eu traga tropas para cá.
- PREFEITO - Não. Isso, não.
- SECRETÁRIO - Estou usando todos os recursos legais. O prazo para os camponeses saírem já passou. Mas não há terras para onde levar esse povo.
- PREFEITO - Tropas, não, não. (*Entram Coronel, um grupo de fazendeiros. Mais atrás, esperando Afonsozinho, Isaltino, Eudóxio, Miguel Encarregado também. Jerônimo vê o Coronel. Sai para o pátio*)
- SECRETÁRIO - O, Salles, já ia indo para sua casa, cheguei agora, encontre nosso amigo, foi uma viagem cansativa, o automóvel...
- CORONEL - (*Aponta os homens*) Senhor Jorge da Veiga Cabral, dono da Mariana...
- JERÔNIMO - Coronel...
- CORONEL - Doutor Aluísio de Sá Miranda, dono da Sete Pontas, doutor...
- JERÔNIMO - Coronel...
- MIGUEL - Fica quieto, Jerônimo.
- CORONEL - Luís Bonfim, Melo Andrade, Silva e Souza. Íamos esperá-lo na estação.
- SECRETÁRIO - Muito prazer, senhores.
- CORONEL - (*Entrega uma sobrecarta*) Este documento explica tudo: ou você envia tropas para cá em uma semana ou então se demite da Secretaria da Justiça...
- SECRETÁRIO - Mas... eu... por favor... me dêem um prazo maior...
- CORONEL - Uma semana. O prazo para eles saírem terminou há três dias. Cabe perfeitamente a ação de despejo. Os camponeses de toda essa região estão se agitando.
- SECRETÁRIO - Salles, a oposição está cada vez mais forte, estamos perdendo votos. São trezentas famílias... como decretar ação de despejo? (*Os fazendeiros saem. Secretário atrás*) Pelo amor de Deus sou de vocês, todo de vocês... Lutei contra o Estado Novo... estive exilado três anos... (*Saem*)
- CORONEL - Justino.
- PREFEITO - Pois não, Coronel.
- CORONEL - Olhe, Justino, não gosto de agir assim, mas sou obrigado: se o comércio da cidade vender mais alguma coisa para os

camponeses, eu entro na Prefeitura a bala. *(Pausa. Justino acede. Sai. Eudóxio, Afonsozinho, Isaltino e Jerônimo envolvem o Coronel)*

- VOZES - Coronel, veja meu caso, Coronel.
- AFONSO - Meu filho não quer sair...
- ISALTINO - Minha mulher não quer sair...
- MIGUEL - Vamos fazer silêncio.
- VOZES - Mas eu queria... Me pague um pouco mais e...
- MIGUEL - Coronel agora quer conversar com o Jerônimo. *(Os outros vão saindo)* É, Eudóxio, você não estava do lado deles?
- S'EUDÓXIO - Eu, seu Miguel? Nunca.
- MIGUEL - Vá andando. *(Eles saem. Jerônimo vai entrando com o Coronel e Miguel)*
- JERÔNIMO - Entre, compadre, entre, entre seu Miguel... Os móveis, vosmicê veja, já tinha posto aí... Xavier, veja uma cadeira... Xavier, Ranieri, ande... Traga uma cadeira, menino... *(Xavier e Ranieri buscam cadeiras. Farfino também, Chiquinho Pequeno. Enquanto trazem cadeiras, Jerônimo fala)* Me levaram a colheita, Coronel, por favor me pague, compadre, me pague que quero sair, quero sair daqui..
- CORONEL - Não posso, Jerônimo.
- JERÔNIMO - Eu estava no pátio Compadre, já tinha posto a Nossa Senhora no saco e...
- CORONEL - Não posso pagar, não tenho a colheita...
- JERÔNIMO - Já dei oito contos e duzentos mil réis por...
- CORONEL - Ouça Jerônimo, vou trazer tropa, só com tropa...
- JERÔNIMO - Já gastei oito contos e duzentos...
- CORONEL - Minhas terras foram ocupadas, ocupadas. Não durmo, estou doente.
- JERÔNIMO - Me pague, Coronel.
- CORONEL - Não posso pagar, Jerônimo. Não posso pagar uma coisa que você não entregou. Não sei quanto tempo vão ficar na terra. Não posso... não tenho dinheiro...
- JERÔNIMO - Pra vosmicê é coisa pouca...
- CORONEL - Eu quero que você fale com o povo, fale com o povo, muitos querem sair, eles não deixam... roubaram a sua colheita...
- JERÔNIMO - Foi, compadre, eu já tinha posto a Nossa Senhora...
- CORONEL - Fale com o povo, nós vamos ao cartório e vocês assinam uma declaração de que estão na terra obrigados, que querem sair e não podem...
- JERÔNIMO - Me pague compadre...
- CORONEL - Preciso de você, Jerônimo, respeitam você, junte o povo...

- JERÔNIMO - Me pague, me pague, compadre...
- CORONEL - Junte o povo, Jerônimo, a tropa vem mais depressa, isso resolve logo, eu lhe pago...
- JERÔNIMO - Trazer tropa, compadre?
- CORONEL - Roubaram a sua colheita.
- JERÔNIMO - Me pague, compadre.
- CORONEL - Não posso, nunca tive tanto prejuízo.
- JERÔNIMO - Não quero chamar tropa, não...
- CORONEL - Roubaram sua colheita...
- JERÔNIMO - Não quero chamar tropa, não... meu filho está lá...
- CORONEL - Preciso de você, Jerônimo...
- JERÔNIMO - É cachorrada... me perdoe, chamar tropa é cachorrada...
- CORONEL - Olhe, Jerônimo, você fica na terra... você fica na terra...
- JERÔNIMO - Senhor?
- CORONEL - Você fica na terra, você não sai, você fica na terra, com toda a terra, minha palavra que você fica na terra...
- JERÔNIMO - Fico na terra?
- CORONEL - Fica. Fica na terra.
- JERÔNIMO - Não sei compadre, não faça assim...
- CORONEL - Junte o povo, Jerônimo.
- JERÔNIMO - Não compadre, não faça assim, me pague, quero ir embora...
- CORONEL - Fale com o povo, quem assinar, pago a indenização em trinta dias...
- JERÔNIMO - Não faça assim...
- CORONEL - Você fica na terra, você não sai da terra, a terra toda...
- JERÔNIMO - Não faça assim, compadre, não faça assim, me pague, quero sair logo, não faça assim, é cachorrada, ah, é uma coisa cachorra, é uma coisa cachorra falar com o povo pra trazer tropa. Então não sou um homem, compadre? Não sou, não? O povo está assim não querendo sair porque 30 mil réis é uma miséria. Miséria, lhe digo. Falei miséria, sim. Charque subiu, sal, açúcar. Vosmicê não vê que 30 mil réis é miséria? Vosmicê não vê, no inverno é aquela fileira de enterro de anjo que nem cabe pra andar no cemitério, mulher de preto, aquilo chorando? O que é que vosmicê quer de mim? Trazer tropa? Então vosmicê pensa que não sou homem? Sou seu compadre. Me pague compadre, um dinheiro de nada que vosmicê está cansado de ter dinheiro...
(Pausa. Jerônimo se assusta com ele mesmo. Olha o Coronel longo tempo. Longa pausa)
- CORONEL - Tenho de ir às fazendas agora. Espero você lá em casa, Jerônimo. Junte o povo. (Sai. Longa pausa)

- MIGUEL - Olhe, Jerônimo, quando eu era menino, minha vontade era furar de faca um coronel, um delegado, um dono de bodega. Fiz 47 anos. Trabalho pra Coronel, sou amigo do Delegado, tenho fiado na bodega. Mas tenho cinco sapatos, trabalho de tarde, tenho rede, duas mulheres, um rádio, uma cristaleira, uma mula... Ficar de lado do Coronel no começo dá raiva, depois dá um sossego, assim feito fosse uma árvore plantada... É. E se alguém vem reclamar... tenho revólver também... *(Tira o revólver. Deixa em cima da mesa. Sai. Pausa. Jerônimo olha a família. Pega a lata de marmelada. Vem para a porta. Toca)*
- JERÔNIMO - Um, dois, três, você é meu freguês.
Você cai
Caio, mas com as calças de seu pai.
- FARFINO - Fale com ele, Xavier, a gente pode ficar na terra, fale com ele. Vai defender ainda esse povo cachorrado? Hein? A terra na fazenda Montes Claros é pior. Vai gastar todo o dinheiro guardado. Em mim ninguém pensa? Um velho assim quase morto? Tem uma goteira assim em cima da minha cama...
- JERÔNIMO - *(Canta)* Um, dois, três... *(Canta. Demétrio entra. Jerônimo pára. A família vem. Chiquinho idem. Ranieri corre para Demétrio)*
- RANIERI - Demétrio... Demétrio...
- JERÔNIMO - Já pra dentro, menino.
- RANIERI - Quero ficar com você, Demétrio.
- JERÔNIMO - Já pra dentro. *(Ranieri volta. Vai para dentro)*
- DEMÉTRIO - Pai... o povo está começando a passar fome... Coronel fechou o armazém... Não tem sal, açúcar, charque, querosene...
- JERÔNIMO - Eu avisei...
- DEMÉTRIO - O comércio vende muito caro...
- JERÔNIMO - Tenho cinquenta e três anos, moço...
- DEMÉTRIO - Eu queria lhe pedir dinheiro emprestado pra ajudar o povo...
- JERÔNIMO - *(Pausa)* O meu dinheiro?
- DEMÉTRIO - É sim senhor.
- JERÔNIMO - Você me levou minha colheita, moço, quer o meu dinheiro?
- DEMÉTRIO - É, sim senhor.
- JERÔNIMO - O meu dinheiro, Xavier. O meu dinheiro: trinta anos de enxada na mão, servindo os homens, botando teto, levantando cerca, consolando marido corno, na cabeceira do moribundo, enfrentando mutirão, quer o meu dinheiro, quer... *(Demétrio sai)* Demétrio... *(Demétrio anda)* Demétrio, pare aí, Demétrio... *(Pára. Jerônimo vai até ele. Pausa)* Você é menino. Muito menino. Quantos você tem, moço?
- DEMÉTRIO - É vinte e dois.

- JERÔNIMO - Vinte e dois. Eu sei das coisas, moço. Você tem de me ouvir porque sou seu pai e filho tem de ouvir o pai que o pai viveu por causa dele. Eu vivi por sua causa, Demétrio. Te ver grande. Assim. Assim bem de pé... Demétrio, deixa isso, Demétrio, vem comigo...
- DEMÉTRIO - Agradecido. Sua colheita, pai, a Associação vai lhe pagar 50 mil réis. Vosmicê há de ter mais paz...
- JERÔNIMO - Demétrio, Coronel vai trazer tropa...
- DEMÉTRIO - Não há de vir tropa. Seu Mé está na capital. O juiz ainda não deu ordem pra vir tropa despejar a gente.
- JERÔNIMO - Não adianta ter fé, Demétrio. Fé só serve pro coração. Tropa não é coisa de fé, coisa dos homens. Vem tropa aí fica comigo.
- DEMÉTRIO - Agradecido, pai.
- JERÔNIMO - Demétrio, Coronel me ofereceu pra ficar, Demétrio. Fique comigo, deixe isso, mais dois anos a gente compra terra, arranja até empregado, você deixa a enxada, menino, vai ver a sua vida...
- DEMÉTRIO - Ficar na terra?
- JERÔNIMO - Pois então...
- DEMÉTRIO - Com o povo indo embora?
- JERÔNIMO - Você deixa a enxada...
- DEMÉTRIO - Preferia ser capado...
- JERÔNIMO - Que é isso?
- DEMÉTRIO - Preferia ser capado, pai. Preferia não ter vosmicê, não ter os olhos, ter aleijão na espinha de que aceitar esmola do Coronel...
- JERÔNIMO - Não é esmola, não, Demétrio, eu trabalhei, filho, a enxada faz parte do meu corpo feito o braço, feito o coração...
- DEMÉTRIO - Coronel lhe deve três milhões, pai...
- JERÔNIMO - Isso aqui era mato, punha um santinho no seu peito...
- DEMÉTRIO - Vosmicê me dá pena, pai. *(Vai saindo)*
- JERÔNIMO - *(Acompanha)* Demétrio, fique aqui... Vem, filho... Fique aqui que você larga enxada... Você tem vinte e dois anos, menino... Juro que você só tem vinte e dois anos... *(Demétrio saiu)* Vem, Demétrio... Eu vivi por sua causa... *(Vai voltando)* Vivi por sua causa... *(Volta. Pega na lata. Toca. Tempo)*
- CHIQUINHO - Seu Jerônimo, vosmicê podia pedir pra dona Xavier me arrumar mais um pouquinho de farinha que comi só uma coisinha que nem assustou o estômago? *(Jerônimo toca. Não responde)*
- JERÔNIMO - Isso é o mundo, pai... não é feito só de vontade da gente...
- FARFINO - É. Isso é.
- JERÔNIMO - Se fosse por minha vontade, Demétrio era filho de Coronel...

- FARFINO - Pois é...
- JERÔNIMO - Eu enguli todas minhas vontades, vosmicê veja isso. Enguli meu coração pra criar aquele menino... não foi, meu pai... enguli meu coração...
- FARFINO - Foi... *(Pausa. Jerônimo lento põe o paletó. Põe o chapéu)*
- XAVIER - Onde você vai, Jerônimo?
- JERÔNIMO - Enguli meu coração pra criar aquele menino, Xavier. Punha santinho no peito dele e ia trabalhar, de enfiada... Agora... ninguém mais me olha.. Enguli meu coração... *(Sai)* Não agüento... Não...
- FARFINO - Ele vai falar com o Coronel, Xavier?
- XAVIER - Vai. Acho que vai.
- FARFINO - Ah, vai, meu filho. Graças. Graças.
- CHIQUINHO - Amém. *(Luz)*

CENA 9

Abre. Xavier sentada, conta dinheiro. Farfino e Ranieri olham a revista. Coronel e Jerônimo mais à frente, no pátio.

- CORONEL - Assinaram muito poucos, Jerônimo.
- JERÔNIMO - Sim, senhor.
- CORONEL - Fale mais, Jerônimo.
- JERÔNIMO - Sim, senhor.
- CORONEL - Você vai ficar na terra.
- JERÔNIMO - É.
- CORONEL - Então, ande. Fale mais com o povo. Não fique nessa leseira. *(Sai. Tempo. Jerônimo se agacha. Não olha a família que o olha)*
- XAVIER - *(Tempo)* 35 contos e duzentos mil réis, 35 contos e duzentos e... agente só tem 35 contos e duzentos e sessenta mil réis...
- JERÔNIMO - Não faz mal. Perdi mais de dez contos mas a gente vai ficar na terra...
- RANIERI - Demétrio vai ficar com a gente? *(Passa um enterro de anjo. Camponeses. Aristides e a mulher e mais dois levam o caixão. A família de Jerônimo fica de pé. Se persigna)*
- CORO - No céu, no céu estarei.
No céu, com minha mãe estarei.
No céu, no céu estarei.
No céu, no céu, serei rei...
- MÃE - *(Junto com o coro)* Bom-dia... É meu filho, seu Jerônimo... Foi a fome... Coitado, já era tão fraquinho... Seu afilhado, seu Jerônimo... Deus o tenha... *(Passam. Silêncio. Entra Chiquinho Pequeno)*

- CHIQUINHO - Vosmicê me perdoe, mas a comida da Associação acabou de vez, até que ontem o povo assaltou o comércio e a fome está danando aí e vosmicê não se incomoda de arrumar mais um prato de farinha pra seu compadre?
- JERÔNIMO - Se sirva, seu Chiquinho... (*Chiquinho entra. Jerônimo entra com ele*) Vosmicê viu Demétrio?
- CHIQUINHO - Vi. Por quê?
- JERÔNIMO - Por nada. (*Entram Afonsozinho, Isaltino, Eudóximo e mais dois camponeses correndo*)
- VOZES - Seu Jerônimo! — Seu Jerônimo! — Fuja! — Venha com a gente!
- JERÔNIMO - O que foi, seu Afonsozinho?
- FARFINO - O que foi, meu Deus do céu?
- VOZES - Saiu publicado no jornal! — O povo vem vindo aí! — O povo vem vindo aí!
- JERÔNIMO - Fale um só. Fale um só.
- S'EUDÓXIO - Esse povo cachorro leu no jornal que a gente disse quem estava na terra obrigado.
- AFONSOZINHO - Estão atrás de nós.
- ISALTINO - Marivalda não fala mais comigo... Por que é que vosmicê foi me fazer isso?
- S'EUDÓXIO - Eles vêm vindo pra cá... Vamos pra casa de seu Miguel Encarregado, ele disse pra gente ir pra lá...
- JERÔNIMO - A gente disse a verdade...
- VOZES - Vamos, seu Jerônimo... — Venha! — Venha logo!
- JERÔNIMO - A gente disse a verdade... a gente disse...
- VOZES - Venha, seu Jerônimo! — O povo vem aí! Venha (*Saem*)
- CHIQUINHO - Vosmicê me dê licença, mas me lembrei agora que hoje é sexta feira, dia de jejum. Que Deus esteja nessa casa, mais os anjos. (*Sai correndo. Um valeria distante*)
- FARFINO - Vamos embora, filho...
- XAVIER - Vem, vem, Jerônimo...
- JERÔNIMO - Pra onde? Pra onde?
- FARFINO - Urinei na calça, filho, urinei na calça...
- JERÔNIMO - Eu disse a verdade... Xavier, eu não disse a verdade? Não roubaram minha colheita? Xavier, eu não disse a verdade? (*Entram os camponeses. Alguns têm jornal na mão. Jerônimo corre para dentro. A família idem. Jerônimo volta com o revólver*)
- VOZES - Expulsa Jerônimo! Sai da terra, Jerônimo! Sai.
- DUDA - Juntou gente pra dizer que a gente rouba colheita, hein, Jerônimo?

- VOZES - Sai! Sai da terra, Jerônimo!
- JERÔNIMO - (*Aponta o revólver*) Sai daqui... não quero ninguém aqui... Seu Duda não é bem recebido na minha casa... Sai...
- VOZES - Expulso! Expulso!
- JERÔNIMO - Não disse nada! Não saí daqui da minha casa... Não disse nada...
- VOZES - Expulso. Expulso.
- JERÔNIMO - Sai da minha terra.
- DEMÉTRIO - Sai você da minha terra... (*Se atira em Jerônimo. Jerônimo nem teve tempo de perceber. Demétrio está em cima dele*) Sai da minha terra... sai da minha terra... Filho de uma cadela... Vergonha, vergonha... (*Duda, Camisa Verde ajudam Demétrio. Demétrio bate em Jerônimo com violência*)
- VOZES - Pára — Pára com isso! — Matam ele!
- MARIVALDA - Largue ele, Demétrio. Largue ele, Demétrio. (*Entram correndo camponeses. Mulheres trazem farinha na mão. Pacotes de açúcar. Salsicha. Latas de comida*)
- VOZES - Seu Mé chegou! — Seu Mé chegou! — Seu Mé! — Seu Mé! (*Um deles atira farinha para o ar*) Seu Mé chegou com um caminhão de comida. Seu Mé. (*As pessoas se misturam. Largam Jerônimo machucado. Só Demétrio fica olhando o pai. As pessoas se abraçam. As vozes dos que estavam no pátio se misturam com as vozes dos que chegam*) O que foi? — Seu Mé chegou? — Seu Mé? — Valha-me Nossa Senhora! — (*Um deles pega salsicha*) Isso o que é? Isso o que é?
- MARIVALDA - É a salsicha. Isso é a salsicha.
- VOZES - Salsicha! Presente do Sindicato! — Olha a salsicha! — Olha a salsicha! — Olha a salsicha, mulher — Olha a salsicha! (*O povo sai. Todos se abraçando, rindo. Demétrio fica sozinho com Jerônimo. Lento — largou-o no chão. Olham-se. Tempo. O povo volta. Mé e Hélio da Preta carregados*) Seu Mé — Hélio da Preta! — Seu Mé! — Hélio da Preta! (*No pátio, param. Mé desce. Vê Demétrio. Demétrio se abraça com Mé, mole. Um longo tempo de abraço. Silêncio absoluto. Demétrio se larga no abraço. Jerônimo se levanta lento*)
- JERÔNIMO - Mé... Olhe... Olhe o que me fizeram... Não assinei nada. Mé... Meu filho me bateu na cara, Mé... Meu filho... Eu enguli meu coração...
- MÉ - A gente não tem medo de tropa, Jerônimo. Falei com deputado, com Sindicato, vamos trazer o povo das fazendas... Arrume as suas coisas, não volte mais aqui, não... (*Mé sai abraçado com Demétrio. O povo sai. Cena vazia. Tempo*)
- CHIQUINHO - (*Que entrou quando Mé apareceu*) Queria lhe ajudar, seu Jerônimo, lhe devo tanto favor... mas é que nunca comi salsicha... me dê licença... (*Sai. Silêncio. Xavier vem até Jerônimo para tratar dele. Jerônimo empurra Xavier. Xavier cai no chão. Fica parado. Tudo parado.*)

Tempo)

- JERÔNIMO - Ranieri... vá chamar o Demétrio... Que quero falar com ele... Pelo amor de Deus pra ele vir... Pelo amor de Deus... (*Ranieri sai. Jerônimo com muita dificuldade se levanta. Senta no móvel que continua fora do pátio. Pega a lata de marmelada. Toca. Canta*)
Um, dois, três, você é meu freguês
Você cai
Caio, mas com as calças de seu pai... (*Luiz*)

CENA 10

Jerônimo não parou de cantar. Noite. Continua na mesma posição. A família sentada. Ranieri voltou.

- JERÔNIMO - Um, dois, três, você é meu freguês Você cai... Cante comigo, Xavier. Um, dois, três, você é meu freguês
Você cai... Cante, Xavier...
Um, dois, três, você é meu freguês
Você cai...
- XAVIER - Caio mas com as calças de seu pai... (*Hélio passa correndo*)
- HÉLIO - A tropa chegou! A tropa chegou na vila! A tropa chegou! (*Um vozerio distante começa. Foguetes estouram*)
- VOZES - (*Off!*) A tropa chegou!. A tropa chegou na minha vila!
- FARFINO - Ora pro nobis, Mater Tragissima...
- RANIERI - Ora pro nobis, Mater Tragissima...
- JERÔNIMO - Um, dois, três, você é meu freguês.
Você cai.
- XAVIER - Caio mas com as calças de seu pai... (*Demétrio entra*)
- DEMÉTRIO - O senhor quer falar comigo? É o quê? (*Tempo*) É o quê? A tropa está chegando na vila. Que é que o senhor quer de mim? Que é que o senhor quer mais? A tropa já chegou, sim senhor... Que é que o se... (*Jerônimo aponta o revólver*) Que é isso? Que é que o senhor vai fazer? Que é isso? Vosmicê enlouqueceu? Não, homem... Não... (*Jerônimo atira. Demétrio é atingido. Foge*) Não, pai, não... (*Jerônimo atira de novo. Não acerta. Atira feito um desvairado. Demétrio cai. Só uma bala o atingiu. Tempo. A família perplexa. Xavier quer ir. Jerônimo não deixa. Demétrio se contorce no chão. Entram pessoas atraídas pelos tiros. Vão parando. Tempo. Jerônimo vai até Demétrio. Põe a cabeça do filho no seu joelho*)
- JERÔNIMO - Você é muito menino... muito menino...
- DEMÉTRIO - O povo das outras fazendas não vem...
- JERÔNIMO - Muito menino...
- DEMÉTRIO - O povo não vem. Teve medo. A gente é muito desunido. A gente se acostuma até a ser desunido...
- JERÔNIMO - Você é muito menino... (*Mé, Duda, Camisa Verde, Filho, Marivalda*)

entram correndo)

- MÉ - Povo. A tropa está subindo da vila. A tropa chegou... A tropa...
(Vê) O que foi? O que foi que aconteceu com o menino?
- JERÔNIMO - Fique quieto, Mé. Ele está ferido grave...
- MÉ - Jerônimo...
- JERÔNIMO - Fique quieto...
- FILHO - *(Perto de Demétrio)* Demétrio... Demétrio... *(Meio chora)*
- MÉ - *(Levanta-se)* Povo... meu povo... a tropa está subindo da vila... A tropa, povo... Povo... Querem mandar a gente pro Mato Grosso, povo... A tropa, povo... Povo... Querem mandar a gente pro Mato Grosso... Um fim de mundo... Um mato pra começar tudo de novo e tudo como se a gente tivesse sempre dezoito anos... Povo... A gente não pode aceitar... Tem a nossa Associação, a nossa riqueza...
- MARIVALDA - A gente não deve de sair... meu marido foi embora... fico até o fim...
- FILHO - Meu pai foi embora. Eu fico com Demétrio até o fim...
- VOZES - *(Baixo)* Vem tropa! — Meu Deus do céu! — Não vai adiantar...
- MÉ - É papel bonito. Tem de fazer papel bonito até o fim.
- VOZES - Mato Grosso — Meu Deus do céu! — Não vai adiantar — Meu Deus do céu. *(Marivalda toma posição. O povo em silêncio começa a tomar posição. Os que estão armados vêm para a frente. Jerônimo começa a levar Demétrio para dentro)*
- DEMÉTRIO - Quero ficar...
- JERÔNIMO - Entre, menino, entre...
- DEMÉTRIO - Quero ficar...
- JERÔNIMO - Vem a tropa aí e...
- DEMÉTRIO - Quero ficar...
- JERÔNIMO - Já não chega a fome, enterro de anjo, você desse jeito, tropa na porta, povo...
- DEMÉTRIO - Quero ficar. *(Jerônimo fica com Demétrio. Levanta-o. Demétrio se apóia no pai. Farfino entra. Alguns entram. A maioria toma posição. Protegidos. Em grupos. Atrás dos que têm arma. Ranieri ao lado de Demétrio. Xavier na porta. Jerônimo e Demétrio ficam em pé. Mal protegidos. Silêncio)*
- VOZES - *(Depois de tempo)* Padre Nosso que estais no céu, o Senhor é convosco... *(Tempo. Entram Secretário, Coronel, Capitão. O povo se junta, no meio do pátio. Protegido pelos que têm armas)*
- SECRETÁRIO - *(Tempo)* Vou insistir mais uma vez. Por favor. O governo vai levar todo o povo para as fazendas do norte do Mato Grosso. Saem caminhões amanhã. O governo fez um esforço, votou verba especial. Pelo amor de Deus, queremos resolver isso em paz. Estamos estendendo nossa mão. Pensem nos seus filhos...

- (*Silêncio. O povo mais unido*)
- CAPITÃO - A responsabilidade do que acontecer agora é dos senhores.
(*Silêncio*)
- SECRETÁRIO - (*Ao Coronel*) Você vai ficar com a terra, Salles... mas só com a terra... Veja a cara deles, Salles... São deles...
- CAPITÃO - Doutor, o senhor assume a responsabilidade do que possa acontecer?
- SECRETÁRIO - Assumo, Capitão. Nós estamos dentro da lei. (*Voltam. No pátio, silêncio*)
- CHIQUINHO - (*Depois de um tempo*) Me dê licença de sair que farda e batina eu respeito muito, muito... (*Sai rápido. Tempo*)
- VOZES - (*Baixíssimo. Cada vez mais unidos agora*) Padre Nosso que estais no Céu, santificado seja o Vosso nome assim na terra como no Céu... (*Tiros. O povo grita. Jerônimo abraça mais Demétrio*) Não agüento. Socorro! Tenho medo!
- DUDA - Silêncio, povo! É tiro pra cima! É tiro pra cima! Silêncio! (*Silêncio. Os tiros cessam. Mais tempo. Mais tiros*) É tiro pra cima...
- RANIERI - Tenho medo, pai, tenho medo...
- FILHO - Me dê a mão...
- VOZES - Me dê a mão... Me dê a mão... Me dê a mão...
- MÉ - Um, dois, três, você é meu freguês.
Você cai...
- DUDA - Caio mas com as calças de seu pai...
- VOZES - Um, dois, três, você é meu freguês... (*Os tiros cessam. As vozes continuam*)
Você cai
Caio, mas com as calças de seu pai
Um, dois, três, você é meu freguês
Você cai. (*Os tiros recomeçam*)
Caio mas com as... (*A luz do lampião se estilhaça. O povo foge. Jerônimo abraçado com Ranieri e Demétrio. Marivalda no meio não arreda pé; Mé vai para trás da casa de farinha. Marivalda é ferida. Um outro toma um tiro no pé*) Cachorrada! Estão atirando agora! Vamos embora! Meu Deus! Socorro! (*O povo cai de joelhos no terreiro. Alguns se protegem. Dão tiros de volta. Caem feridos. Mulheres desmaiam. Marivalda ferida no chão. Jerônimo e Demétrio e Ranieri na mesma posição. Todos se rendem*) Misericórdia! Pelo amor de Deus. Pára. Pára. Pára! (*Os tiros páram. As vozes continuam implorando até o silêncio. Só Mé continua a atirar com uma espingarda já sem munição*)
- MÉ - Coronel me deve três milhões! Coronel me deve três milhões! Filho da besta torta do Pajeú! (*Pára. A espingarda vazia. Entram Capitão e dois soldados*)
- CAPITÃO - Levem os feridos pra cidade já... O resto vai pegar suas coisas, meu povo. Vamos, meu povo. Tudo acabou agora. Caminhão sai

amanhã pro Mato Grosso. Deixe ver isso, moça... (*A Marivalda*) Foi nada... Vamos indo... Com a gente vão só Tomé Gonçalo e Demétrio Silveira... (*O povo começa a sair em silêncio. Hélio sai com Marivalda*)

- DUDA - (*A Mé*) Enterrei quinze contos aqui, Mé, me vejo arruinado. Se não podia dar certo por que é que você fez isso, hein? (*Um soldado o empurra com calma*) Povo cachorro. Só serve mesmo pro Mato Grosso...
- FILHO - (*A Demétrio*) Queria começar de novo, Demétrio... Já sabendo da força da gente... Ah... Esse coronel ia comer bosta na nossa mãe... Ia comer bosta!...
- SOLDADOS - (*Os dois*) Vamos saindo, vovó. Venha ver essa perna, meu irmão. Vá ver suas coisas, amanhã tem que acordar cedo. Não esqueça o pinico, meu tio... (*As pessoas todas saem numa direção. Os que descem para a cidade saem em outra. Mé, Filho, ajudam Demétrio*)
- JERÔNIMO - Viu, Demétrio? Viu? Eu avisei, menino. Você tinha de ouvir esse seu pai... Vida não é vontade da gente, é encargo... viver não é bonito...
- DEMÉTRIO - A gente ia ter armazém só da gente, arado na terra, o mundo ia ser nosso. (*O Capitão, Mé e Filho esperam*) Não esse mundo aí fora de terra e cerca, todo calado... mundo dentro da gente, mexendo como peixe no anzol...
- JERÔNIMO - Eu avisei, Demétrio, eu vivi, eu sei...
- DEMÉTRIO - Avisou, pai... desde que nasci vosmicê avisa...
- JERÔNIMO - Não fale desse jeito, Demétrio...
- DEMÉTRIO - Pra ter o que, pai? Uma casa de farinha, dois braços, e um corpo feito um saco com a vontade do Coronel dentro?
- JERÔNIMO - Você sabe que tenho razão, sabe.
- DEMÉTRIO - Tem, sim, pai. Mas é um pecado... é um pecado vossa razão... como se pode ficar tão desunido?
- JERÔNIMO - Você me roubou minha colheita, minha cabeça erguida, me deu esse medo de continuar, enfrentei Celestino, bebi álcool puro... sabia a vida de cor... agora... me peça desculpa, menino...
- DEMÉTRIO - Não, pai...
- JERÔNIMO - Me peça desculpa, você desafiou seu pai, desafiou a vida...
- DEMÉTRIO - Bênção, mãe...
- XAVIER - Deus te abençoe. (*Pausa*) A gente não se vê mais?
- DEMÉTRIO - Quem sabe, mãe? (*Demétrio sai com Mé, Filho e Capitão*)
- RANIERI - Demétrio. Demétrio.
- JERÔNIMO - Me peça desculpa, menino...
- RANIERI - Quero ir com Demétrio.
- JERÔNIMO - Fica aí, menino.

RANIERI

JERÔNIMO

- Quero ir.
- *(Empurra Ranieri no chão) Fica aí... (Vai acompanhando Demétrio) Vou ficar na terra, Demétrio. Vou ficar. Não fico esperando outra vida não. Vivo essa... Vou ficar na terra. Porque nunca faltei na cabeceira de moribundo. Não tenho o pecado da cobiça, não. Enguli metade de minha vida pra poder viver... Me peça desculpa... (Demétrio some com os outros. Começam a passar pessoas com móveis. Jerônimo fala de fora, para Demétrio que saiu) Me peça desculpa... Enguli meu coração... bebi álcool puro, enfrentei Celestino... Não espero outra vida, não, vivo essa... Me peça desculpa, Demétrio... Me peça desculpa que não sou nenhum filho duma puta! Demétrio (Fica parado. As pessoas passam. Com móveis, etc. Farfino rezando. Xavier parada. Ranieri no chão. Jerônimo parado. As pessoas passando)*

FIM DO TERCEIRO ATO

APÊNDICE

QUATRO QUADRAS DE TERRA

QUATRO QUADRAS DE TERRA, estreou no final do ano de 1963, em roteiro da UNE VOLANTE, tendo sido apresentada em quase todas as capitais do País. A direção do espetáculo foi de Carlos Kroeber e a assistência de direção, de João das Neves.

Prêmios: Prêmio Latino-Americano de Teatro, pela Casa de Las Américas (Havana, Cuba. Por concurso.)